



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

JULIANA DE SOUZA LEITE

**A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DO OUTRO NA
FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE**

ARIQUEMES - RO

2018

Juliana de Souza Leite

**A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DO OUTRO NA
FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel.

Prof.^a Orientadora: Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

Ariquemes – RO

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

L533i LEITE, Juliana de Souza .

A importância do olhar do Outro na formação da personalidade. / por Juliana de Souza Leite. Ariquemes: FAEMA, 2018.

55 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

Coorientador (a): Profa. Dra. .

1. Psicologia. 2. Criança. 3. Personalidade. 4. Outro. 5. Espelho. I Arantes, Ana Claudia Yamashiro. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150.

Bibliotecário Responsável
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
CRB 677/11

Juliana de Souza Leite

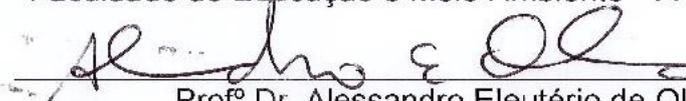
<http://lattes.cnpq.br/4882809677592290>

A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DO OUTRO NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Orientadora: Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes
<http://lattes.cnpq.br/2181183340752599>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA


Profº Dr. Alessandro Eleutério de Oliveira
<http://lattes.cnpq.br/3800768997086874>
Instituto Federal Rondônia- IFRO

Profª Ma. Eliane Alves Almeida Azevedo
<http://lattes.cnpq.br/4994015719356247>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Aos meus pais-avós Rosa e João por me amarem
incondicionalmente e me criarem como filha com
todo amor e cuidados.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo seu infinito amor, graça, proteção, força e por cada bênção.

Aos meus pais-avós, Rosa e João, que me criaram investindo afeto, cuidados e recursos financeiros para realização dos meus sonhos; À minha mãe Rosângela que sempre me incentivou e apoiou em tudo que precisei, muitas vezes até renunciando alguns planos para me abençoar; Ao meu irmão Junio por fazer com que a minha morada em Ariquemes fosse mais aconchegante; Ao meu pai, Francisco, pela consideração; Aos tios Sônia e Luiz, primos Jeferson e Daniele pelo companheirismo; Aos meus tios Rubi e Neusa, por serem meus melhores amigos e fonte de inspiração para minhas realizações; À irmã Maria Freitas e família pela consideração;

Aos casais: Nicinha e José; Nilcéia e Gerçi; Luiz e Joana; Adriana e Adonias e filhos Adnelly e Lucas; Néia e Eronildo e filhas Laurianny e Kellen pela amizade tão peculiar; Às minhas amigas: Rose, Méry, Márcia, Vera e às irmãs Edna's pelo apoio nos momentos em que precisei, sendo verdadeiras irmãs; À Edicléia e ao Kleivid pela acolhida; Às incentivadoras Camila Barros, Sarah Farias pelas lindas mensagens;

Aos meus amigos de trabalho Danilo e Graziela, Tatiane, Eliana, Ediléia e João;

Às minhas colegas de curso Adriela, Fabiana, Vanessa e Melissa;

À Prof. Ana Claudia Yamashiro Arantes, minha orientadora, por contribuir de forma tão excelente para a minha formação, fazendo com que suas aulas fossem inspiração para minha vida; Tenho orgulho por minha turma receber seu nome;

À Prof. Eliane Alves Almeida Azevedo, minha supervisora e psicóloga. Alguém que tenho grande afeto e que me inspira a ser melhor tanto pela pessoa como pela profissional que é. Ela sempre me ensina que a excelência está na constante busca pelo conhecimento. É uma grande alegria tê-la como paraninfa (dinda) da turma;

À Prof. Carla Patrícia Rambo, minha coordenadora, por me incentivar a continuar a jornada acadêmica; À Prof. Maila Beatriz, por durante os dois primeiros anos do curso, sempre ser o “rosto amigo”;

Às estimadas professoras: Edivan (prof^a das séries iniciais); Jane Araújo (prof^a do ensino médio); Aos meus queridos professores do IBAD: Alan Ricardo, Wellington da Cunha, Richard Hoover, João Moreno e a psicóloga Ana Cláudia Araújo que despertaram em mim a escolha pela área da Psicologia;

Aos meus amigos, intercessores e incentivadores por serem parte da minha história.

É uma alegria estar escondido e um desastre não ser encontrado.
Donald Woods Winnicott.

RESUMO

O desenvolvimento da personalidade acontece durante os primeiros anos de vida do ser humano. Essa fase é um momento que reverberará por toda a sua existência. Durante esse período inicial da vida, o ser humano necessita de cuidados físicos e afetivos que colaborem para o desenvolvimento de sua personalidade. Para receber os cuidados a criança precisa de outra pessoa que supra suas necessidades físicas e afetivas. De acordo com a teoria de Donald Winnicott, todo ser humano possui uma capacidade inata para se desenvolver tanto física como emocionalmente. Porém quando a criança não tem um ambiente que facilite esse desenvolvimento, sua personalidade possui a tendência para ter alguma consequência prejudicial à sua vida. Por isso é importante que o cuidador seja a pessoa que supra as necessidades da criança, provendo assim, um ambiente de acolhimento. Assim, o “olhar”, ou seja, o afeto direcionado à criança fará com que ela perceba que é amada. Donald Winnicott com a Teoria do Amadurecimento Emocional e René Spitz com a Teoria do Desenvolvimento Humano, destacam a importância do cuidador na vida da criança, dando ênfase ao papel da mãe e suas interações com o bebê. A psicanálise freudiana sublinha a importância da passagem do Princípio de Prazer para adentrar no Princípio de Realidade, abrindo mão da ilusão de onipotência vigente em meio aos cuidados de outra pessoa. Tendo como pressuposto que para a estruturação do eu os cuidados físicos e emocionais são indispensáveis, busca-se descrever a importância do olhar do Outro como fator essencial na formação da personalidade. A teoria de Jacques Lacan chamada Estádio do Espelho concebe que o Outro é o cuidador que direciona o olhar de afeto para a criança, sendo uma pessoa primordial na constituição psíquica da criança. É a partir do olhar do Outro que a criança pode receber reconhecimento, passando a ter uma imagem integrada de si mesma, não se percebendo mais apenas como uma extensão de outra pessoa. Quando há falta ou falha por insuficiência ou excesso destes cuidados, poderão ocorrer consequências desastrosas, como algumas psicopatologias. Tendo em vista a necessidades que a criança tem de receber afeto nos primeiros cuidados a ela ministrados que essa pesquisa tem como propósito enfatizar a importância do olhar do Outro.

Palavras-chave: Criança, Olhar, Outro, Personalidade, Espelho.

ABSTRACT

The development of the personality happens during the first years of the life of the human being. This phase is a moment that will reverberate throughout your existence. During this initial period of life, the human being needs physical and affective cares that contribute to the development of his personality. To receive the care the child needs another person who satisfies their physical and affective needs. According to Donald Winnicott's theory, every human being has an innate ability to develop both physically and emotionally. But when the child does not have an environment that facilitates this development, his personality tends to have some detrimental consequence to his life. Therefore, it is important that the caregiver is the person who meets the needs of the child, thus providing a welcoming environment. Thus, the "look", that is, the affection directed to the child will make it perceive that it is loved. Donald Winnicott with Theory of Emotional Maturity and René Spitz with Human Development Theory emphasize the importance of the caregiver in the life of the child, emphasizing the role of the mother and her interactions with the baby. The freudian psychoanalysis emphasize the importance of abandon the Principle of Pleasure, in which the ilusion of onipotence of the child hapens due to the caregiver's handling, to the Principle of Reality. Assuming that physical and emotional cares are indispensable for the structuring of the self, the importance of the Other's gaze as an essential factor in the formation of the personality is sought. Within Jacques Lacan's theory, called the Mirror's Stage, the Other is the caretaker who directs the gaze of affection to the child, thus being a primordial person in the child's psychic constitution. It is from the gaze of the Other that the child can receive recognition, having an integrated image of itself, no longer perceiving itself only as an extension of another person. When there is a lack or failure due to insufficiency or excessiveness of the care, disastrous consequences may occur, such as some psychopathologies. Considering the child's needs to receive affection, this research is intended to emphasize the importance of the Other's gaze.

Keywords: Child, Look, Other, Personality, Mirror.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 METODOLOGIA	12
4 REVISÃO DE LITERATURA	13
4.1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	13
4.1.1 Necessidades da Criança: Cuidados Físicos e Afetivos	13
4.1.2 Estrutura da Personalidade: Sigmund Freud	14
4.1.3 Teoria do Amadurecimento Emocional: Donald Woods Winnicott	17
4.1.4 Estágios do Desenvolvimento Humano: René Spitz	23
4.2 A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO IDENTIFICATÓRIO	26
4.2.1 Teoria do Estádio do Espelho	26
4.2.2 O Olhar do Outro como Constituinte do Processo de Individuação	35
4.3 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA FALTA DO OLHAR	36
4.3.1 Psicopatologias Possíveis	36
4.3.2 Caso Kevin: A Psicopatia como Consequência da Falta do Olhar do Outro	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da personalidade se dá nos primeiros anos de vida e reverbera por toda a vida do ser humano. Por isso, como delineamento para falar sobre essa fase dos primeiros anos de vida, será apresentada a influência que os cuidados afetivos direcionados à criança podem exercer no desenvolvimento da estrutura de sua personalidade. “Muita coisa acontece no primeiro ano de vida da criança: o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio” (WINNICOTT 2011, p. 3). Assim, para se falar sobre a personalidade, faz-se necessário apresentar algumas fases do desenvolvimento emocional as quais fazem parte dos primeiros anos de vida e que são primordiais para a formação da personalidade.

O principal fator a ser discutido é a importância do olhar do Outro¹ na formação da personalidade. Para isso esta pesquisa se divide em três partes. No primeiro capítulo busca-se apresentar a estrutura do aparelho psíquico de acordo com Sigmund Freud bem como os dois princípios que ele teorizou como sendo detentores da função de reger a estrutura psíquica; logo após são esboçadas as teorias da personalidade acerca do desenvolvimento humano, de acordo com Donald Woods Winnicott e René Spitz. A exposição dessas teorias sobre o desenvolvimento da personalidade é relevante para se compreender as necessidades físicas e emocionais da criança. De acordo com as necessidades expostas dentro dessas teorias psicanalíticas é possível desenvolver uma reflexão sobre os cuidados que a criança precisa receber para ter suas necessidades (físicas e emocionais) sanadas.

Ao falar sobre cuidados, entende-se que a criança precisa de uma pessoa que lhe dê os cuidados necessários à sua sobrevivência e desenvolvimento físico e psíquico. Por isso a segunda etapa desse estudo apresenta a teoria de Jacques Lacan denominada Estádio do Espelho, ao qual sinaliza a importância que o cuidador e que o seu olhar, ou seja, os cuidados dele têm na formação da personalidade. Dentro

1 A palavra “Outro” é escrita com letra inicial maiúscula na teoria do Estádio do Espelho se referindo ao cuidador que exerce aquilo que a Psicanálise entende como tomando parte da função materna (pai, mãe ou um cuidador primário) que tem o papel de prover cuidados físicos e afetivos à criança. Sendo assim, como encontra-se explicado posteriormente, esse “Outro” não é uma pessoa qualquer, mas a que terá um papel imprescindível na formação da personalidade da criança (QUINET, 2012).

dessa teoria o cuidador, chamado por Lacan de o “Outro” é a pessoa a qual a criança olha e busca um olhar ao qual ela veja a sua própria imagem refletida, como que diante de um espelho. Dependendo do olhar que o Outro lhe direcionar, ela poderá se sentir aceita, acolhida, protegida, ter segurança para forjar sua identidade, tendo, a sua personalidade formada com o seu eu constituído (LACAN, 1998).

Diante do conceito de Psicopatia, como ilustração será apresentado um breve comentário sobre o caso “Precisamos Falar Sobre o Kevin”, que é um best-seller de Lionel Shriver.

A descrição desses transtornos de personalidade não significa generalizar um tipo de olhar a uma patologia. A pretensão ao apresentar esses transtornos é exemplificar algumas consequências que podem ser desencadeadas mediante a insuficiência ou excesso (rigidez) do olhar do Outro, ou até mesmo a falta dele na vida da criança.

A pesquisa se configura como relevante, pois apresenta uma temática importante para a constituição da personalidade e que pode ser respaldada por teóricos categóricos na área da Psicologia. Além dos teóricos escolhidos para respaldar essa pesquisa – Sigmund Freud, Donald Woods Winnicott, René Spitz e Jacques Lacan, serão intercaladas no decorrer do texto as ideias de outros autores que corroboram para o desenvolvimento da temática. A reflexão sobre a importância do olhar do Outro na formação da personalidade é relevante pois diz respeito a uma fase decisiva na vida do ser humano, que são os seus primeiros anos de vida. A partir da abordagem psicanalítica este estudo tem o intuito de contribuir com o público da área da Psicologia, tanto no âmbito acadêmico quanto aos interessados sobre o desenvolvimento emocional do ser humano.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Demonstrar a importância do olhar do Outro como fator essencial na formação da personalidade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever sobre a necessidade que a criança tem do olhar do Outro durante a formação da personalidade;
- Elucidar a importância do olhar do Outro na constituição da personalidade;
- Descrever as possíveis correlações de algumas psicopatologias devido à falta ou falha do olhar do Outro.

3 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica. Esta foi realizada em livros e revistas científicas (impressos e digitais). Foram utilizados artigos e conteúdos relevantes para o assunto abordado na revisão, sendo descartados aqueles que não corroboravam com a temática. As principais teorias utilizadas para compor essa pesquisa da abordagem psicanalítica foram: a estrutura da personalidade e os princípios que a regem, de Sigmund Freud; a teoria do amadurecimento emocional, elaborada por Donald W. Winnicott; os estágios do desenvolvimento humano, de acordo com René Spitz; a teoria do Estádio do Espelho, desenvolvida por Jacques Lacan. Além desses teóricos, foram utilizados outros referenciais que corroboram com e discutem sobre essas teorias.

O período percorrido para a escolha do acervo de materiais analisados como base de pesquisa, transcorreu entre os meses de dezembro de 2017 a outubro de 2018. Para a construção textual foram utilizadas um total de 64 referências, sendo: 40 artigos, sendo 2 em língua estrangeira (espanhol), 21 livros, 1 tese e 2 monografias. Os bancos de dados que se utilizou foram: Scientific Electronic Library (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic), Google Acadêmico, livros do acervo pessoal da orientadora e livros do acervo pessoal da acadêmica. Os descritores encontrados que poderão ser utilizados são: criança, olhar, Outro, personalidade e espelho. Quanto aos materiais utilizados para a realização da pesquisa, os critérios de inclusão foram referências que corroboravam com a temática e os critérios de exclusão foram materiais que não abarcavam os descritores.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

4.1.1 Necessidades da Criança: Cuidados Físicos e Afetivos

O ser humano em toda a sua complexidade é um ser diferente dos outros seres vivos. “Dois fatores são essenciais para a constituição e desenvolvimento do ser humano: a tendência inata do indivíduo para integração e amadurecimento e a existência de um ambiente facilitador” (AMIRALIAN, 2003, p. 104). Ao considerá-lo um ser biopsicossocial, observa-se as singularidades que permeiam a vida humana, a começar pela dependência, tanto física quanto emocional que o ser humano tem, especialmente nos seus primeiros anos de vida. “Os bebês por exemplo, dependem dos adultos para satisfação de suas necessidades básicas de alimentação, vestuário e abrigo, bem como de contato humano e afeição” (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006, p. 53). Essa dependência demandada aponta tanto para a constituição desse próprio ser em formação (física, psíquica e intelectual) quanto para o cuidador que influenciará (positiva ou negativamente) na construção de sua personalidade.

Referir-se sobre a personalidade humana é levar em consideração o ser humano como um todo. Tendo em vista que este é um ser biopsicossocial, a personalidade é uma instância que engloba fatores genéticos, inatos e constitucionais com fatores que o ser humano aprende e os que são próprios do seu contexto social (VALDIVIA; SORIANO; BECERRA, 2002). A dinâmica da personalidade humana integra esses fatores de modo que interajam entre si (ELIA, 2004).

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Bueno (2007), do ponto de vista psicológico, o termo personalidade significa: “Reunião dos aspectos ou das características psíquicas que, analisados de modo único, diferenciam um indivíduo, normalmente tendo em conta aspectos sociais”. Frequentemente a palavra personalidade é usada para o indivíduo descrever a si próprio ou para se referir a outras pessoas. O termo personalidade é proveniente da palavra *persona* que faz alusão às máscaras que atores utilizam durante uma apresentação de teatro. Dessa forma é como se essa palavra estivesse correlacionada apenas ao aspecto externo

de um indivíduo, levando em consideração as características que podem ser visíveis a outras pessoas. Porém o termo não se restringe apenas às características externas.

A personalidade diz respeito também às características permanentes do indivíduo como ser agitado ou calmo. Além das características externas e permanentes, a personalidade abrange as qualidades, tanto emocionais quanto sociais de uma pessoa. Sendo assim, é possível levar em consideração a personalidade como uma instância detentora da peculiaridade humana. Pode-se conceituar personalidade como “os aspectos internos e externos peculiares relativamente permanentes do caráter de uma pessoa que influenciam o comportamento em situações diferentes” (SHULTZ; SHULTZ, 2011, p. 6).

Durante os seus primeiros anos de vida, o ser humano precisa receber cuidados que contribuam para a sua sobrevivência e desenvolvimento, pois é nessa fase que se dá a formação da personalidade (WINNICOTT, 2011). Para discorrer sobre a necessidade que o ser humano tem de receber os cuidados físicos e afetivos na fase infantil, momento em que se dá o desenvolvimento de sua personalidade, será apresentada a estrutura da personalidade e os princípios que a regem segundo Sigmund Freud, a teoria do amadurecimento emocional desenvolvida por Donald Winnicott e os estágios do desenvolvimento humano teorizados por René Spitz.

4.1.2 Estrutura da Personalidade: Sigmund Freud

O desenvolvimento humano engloba os mais variados tipos de temáticas que podem ser discutidas à luz de diferentes vertentes teóricas nas ciências em geral. Uma das facetas que se destaca quando se trata sobre a formação e desenvolvimento do ser humano, diz respeito à estrutura do psiquismo e o seu funcionamento.

Quanto ao funcionamento do psiquismo, Sigmund Freud², fundador da Psicanálise, nomeou a estrutura da personalidade em três partes: Id, ego e superego. Segundo esse modelo estrutural da personalidade, sendo as duas últimas instâncias desenvolvidas durante a infância. O id corresponde à instância psíquica chamada

2 Fundador da Psicanálise, que criou os principais conceitos sobre a teoria psicanalítica. Ele nasceu na Morávia, em 06 de maio do ano de 1856. Morreu em 23 de setembro de 1939 (ROUDINESCO, 1998).

inconsciente, sendo a parte mais primitiva do psiquismo na qual estão localizadas as pulsões (do alemão *trieb*) que diz respeito às necessidades biológicas do ser humano às quais insistem em serem descarregadas. Assim, o inconsciente é a fonte de toda energia psíquica o qual objetiva alcançar satisfação imediata e é responsável por descarregar as tensões biológicas (ZIMERMAN, 1999).

O superego é a parte do aparelho psíquico que tem como função refrear as pulsões que são as energias psíquicas que emergem do inconsciente (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2000). Assim, o superego tem uma função oposta ao id, pois enquanto este impulsiona o indivíduo a descarregar as suas pulsões emergidas do inconsciente, o superego o inibe por meio dos pensamentos morais e éticos que são adquiridos na cultura.

O superego funciona de acordo com as exigências morais, representadas pelos princípios sociais que foram incorporados com as imagens e atitudes dos pais e outras figuras significativas do mundo infantil. Ele é, em grande parte, inconsciente, formando-se precoce e imperceptivelmente e seu caráter inconsciente explica sua irracionalidade. Com o estabelecimento do superego, várias emoções se alteram. O temor às ameaças externas de castração ou perda de amor, convertem-se em equivalentes internos destes perigos e no medo de perder a proteção do superego. Este torna-se, assim, um substituto interno dos pais, não apenas como fonte de punição ou ameaça, mas de proteção e amor. Estar em bons termos com ele é, agora, tão importante quanto o era em relação aos pais (D'ANDREA, 2011, p. 75).

O ego é o equilíbrio entre o id e o superego. Ele corresponde ao eu, que é a síntese da organização psíquica do ser humano. (CÂMARA, 2010). De acordo com Hall, Lindzey e Campbell (2000, p. 54) “a distinção básica entre o id e o ego é que o id só conhece a realidade subjetiva da mente, ao passo que o ego distingue as coisas na mente das coisas do mundo externo”. Assim, enquanto o *id* diz respeito à parte inconsciente que integra o aparelho psíquico, o superego funciona de modo a conter as pulsões de acordo com as regras sociais, enquanto o ego é o mediador entre o mundo interno e externo do indivíduo.

Há dois princípios que regem o funcionamento do aparelho psíquico: o do prazer e o da realidade. Segundo o Pontalis e Laplanche (2001), o princípio do prazer tem por objetivo fazer com que haja a obtenção do prazer e que o desprazer seja evitado. Assim, este princípio faz com que o sofrimento e a dor sejam evitados e que o indivíduo tenha uma busca instintiva por prazer. Já o princípio de realidade funciona como regulador pois ele modifica o princípio do prazer, levando em consideração a

realidade exterior do indivíduo. “Princípio pelo qual o ego opera para providenciar as limitações adequadas à expressão dos instintos do id” (SHULTZ; SHULTZ, 2011, p. 48). Assim, a busca por alcançar satisfação não se dá de forma alheia ao mundo exterior.

O *id* está diretamente ligado ao princípio do prazer, uma vez que diz respeito à pulsão requerer uma gratificação imediata, a qual não leva em consideração os aspectos da realidade (FONTES, 2008). Um exemplo disso é quando o bebê substitui o seio faltante pela sucção do polegar. No entanto, o princípio do prazer se realiza imediatamente, trazendo à tona uma necessidade que é própria da realidade instaurada. Pode-se dizer que, ao sugar o polegar, o bebê não deixará de sentir falta do alimento, assim a necessidade dele não será suprida (ZIMERMAN, 1999).

Já o ego relaciona-se ao princípio da realidade, pois a satisfação dos desejos do id é sua principal função, conduzindo-a de forma socialmente adequada. É o ego que governa as vontades do id, mediando seus impulsos, proporcionando sua satisfação mediante os princípios morais da realidade social. Pontalis e Laplanche (2001) consideram que o princípio da realidade, pelo fato de agir modificando o princípio do prazer, é um princípio regulador ao qual possibilita a realização da satisfação.

Com relação a esse aspecto, Freud explica:

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Este último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer (FREUD, [1920] 1969, p. 20).

Ao considerar a interligação do princípio do prazer com o id e a correlação entre o princípio da realidade e o mundo externo, é possível identificar o ego como uma constituição que tem no seu cerne a mediação entre id e o superego. Por meio da estrutura da personalidade e dos princípios que a norteiam verifica-se a importância do mundo externo, ou seja, as relações que são estabelecidas entre o indivíduo e as pessoas que estão ao seu entorno (FONTES, 2008). Assim, as relações construídas com seus pares são fundamentais na constituição psíquica da criança, pois é a partir dessas relações com o Outro que os limites, ou seja, as regras sociais vão sendo

estabelecidas. Nos primeiros anos de vida as relações da criança são construídas a partir das interações com seus cuidadores – pai, mãe ou outras pessoas que fazem parte do contexto ao qual a criança está inserida.

4.1.3 Teoria do Amadurecimento Emocional: Donald Woods Winnicott

Existem dois aspectos principais no desenvolvimento emocional da criança. Um deles diz respeito às tendências da hereditariedade que são intrínsecas ao bebê quando nasce; o outro aspecto relevante dentro desse desenvolvimento é o cuidado materno – o ambiente que a criança está inserida, segundo Donald Woods Winnicott³. Ao aludir ao crescimento emocional, o teórico elaborou o termo processos de maturação para referir-se à força propulsora desse desenvolvimento. A criança nasce com uma tendência inata ao amadurecimento, o que significa integração em uma unidade (CELERI, 2009).

Um filho pode ser amado mesmo antes de sua existência. Isso levando em consideração que todo o planejamento (psicológico, financeiro, físico) é um cuidado que se tem com o objetivo de futuramente receber um novo ser. Muitos pais programam quando vão ter seus bebês, outros os recebem de surpresa, tendo em vista que alguns passam a desenvolver uma aceitação enquanto outros casais já criam sentimentos de rejeição diante da descoberta da gravidez (PICCININI *et al.*, 2009).

A comunicação da mãe com o neném é muito importante para o relacionamento mãe-filho. Na maioria das vezes a mãe iguala à linguagem do seu bebê como objetivo de repassar carinho. A verbalização também evidencia o sentimento de aceitação ou rejeição. Outro fator que mostra a importância da comunicação mãe-filho é a capacidade do bebê expressar as suas emoções, desejos e necessidades através da comunicação, do choro. “No primeiro ano de vida, as explorações feitas pelas crianças no ambiente em que vivem, em situações como brincadeiras e interações mãe-bebê, dão-lhes ensejo a variadas formas de atuação e participação de complexidade”

3 Pediatra e psicanalista que desenvolveu atividades clínicas que, em decorrência de suas atividades de observação e tratamento de crianças com problemas de desenvolvimento físicos e psíquicos, desenvolveu a teoria do amadurecimento emocional. Nasceu em 7 de abril de 1896 na Grã-Bretanha e morreu em Londres em 25 de janeiro de 1971 (FORLENZA NETO, 2008).

(FERNANDES MENDES; FONTES PESSÔA, 2013, p. 17). Ao pensar na influência do cuidado familiar para o desenvolvimento do sujeito é priorizada e enfatizada a importância da relação mãe-bebê, o contato físico, a amamentação, o toque, o olhar, e a voz da mãe é essencial para que a criança se sinta protegida e aceita pelo outro. Assim é importante afirmar que a ausência da mãe, seja física ou por um não cuidado suficiente, pode prejudicar o desenvolvimento normal da criança, colocando em risco seu senso de realidade (WINNICOTT, 2011).

Em se tratando de desenvolvimento humano, sabe-se que o ser humano é complexo e em constante mudanças. Portanto é de se pensar que estão reservados para esse desenvolvimento questões relacionadas à história do pai ou da mãe da criança mesmo quando esta era somente um sonho para eles. Ou ao contrário, quando a descoberta da chegada de uma criança passa a ser um pesadelo e são gerados ali sentimentos de rejeição. A família é responsável pelo acolhimento e sustentação do desenvolvimento, sem os quais, sintomas e desajustes podem surgir na criança (SEI; SOUZA; ARRUDA, 2008, p. 200). A história de uma pessoa não necessariamente começa somente a partir do seu nascimento. Pode ser que esta já seja amada até mesmo antes de ser conhecida por seus pais. Fato é que, a gravidez por si mesma traz consequências positivas ou negativas para a criança.

Em se tratando do desenvolvimento da criança, os pais são personagens relevantes para o seu desenvolvimento. Como os estudos acerca da gravidez explicam, toda a estrutura psíquica do pai e da mãe está ligada àquele novo ser, a criança. Estes são os primeiros a participarem do desenvolvimento da criança e que podem dispensar a ela cuidados tanto no que diz respeito às necessidades físicas como alimento, roupa, quanto às necessidades emocionais do infante. Dessa forma é possível verificar que:

Como agentes primários de socialização, as mães e os pais, assim como outras pessoas que participam ativamente dos cuidados das crianças, ensinam-lhes como expressar suas emoções e percebê-las nas pessoas, enquanto a cultura fornece padrões gerais de decodificação e exibição emocional (FERNANDES MENDES; FONTES PESSÔA, 2013, p.17).

Por meio de sua prática clínica com acompanhamentos infantis, Winnicott (2011) desenvolveu reflexões acerca do desenvolvimento humano, os quais permitiram ao teórico lidar com os estágios mais regredidos do desenvolvimento emocional. A partir de seus conhecimentos clínicos, Donald Winnicott defendeu a ideia de que a criança

passa por fases de desenvolvimento emocional. Ao nascer, o bebê está em fase de dependência absoluta dos cuidados maternos, com o evoluir desse desenvolvimento ele passa pela independência relativa, até alcançar a fase rumo à independência em relação aos seus cuidadores (CELERI, 2009).

Entende-se por dependência absoluta a fase em que o bebê está totalmente vulnerável, pois não haveria meios de sobrevivência sem o cuidado de outro, contudo ele não tem consciência de que é totalmente dependente deste (da mãe) ou do meio, ele se confunde com o meio.

A dependência absoluta refere-se ao fato de o bebê depender inteiramente da mãe para ser – do modo como é, como pode ser, nesse momento inicial – e para realizar a sua tendência inata à integração em uma unidade. O relacionamento peculiar com a mãe, na dependência absoluta dos estágios iniciais, fornece um padrão para as relações que o bebê venha com a realidade externa. É no interior desse relacionamento que está sendo construída a ilusão de contato com o mundo externo, a confiança de que a comunicação inter-humana é possível e de que a vida faz sentido (DIAS, 2003, p. 130).

É na fase de dependência absoluta que a interferência materna é imprescindível, pois não há como o bebê satisfazer suas necessidades sem a disponibilidade de uma pessoa que o cuide. Para atender a essas necessidades, há o desenvolvimento de três funções maternas⁴: o *holding*, o *handling* e a apresentação do objeto (WINNICOTT, 1975).

O *holding* é desenvolvido por meio da mãe que proporcionará o afeto necessário, criando assim, um ambiente facilitador, que seja propício a um desenvolvimento saudável. “O *holding* oferecido pela mãe contribui para o exercício do potencial criativo e posteriormente, para o viver adaptado, autêntico e saudável do bebê” (TELES; SEI; ARRUDA; 2010, p. 111). Junto a esse afeto, a mãe também desenvolverá o *handling* suprimindo as necessidades físicas da criança. Winnicott destaca a importância dessa mãe se sentir segura e apoiada pelo ambiente familiar para que assim possa cuidar do seu filho. Observa-se que diante os cuidadores destacados na teoria winnicottiana

4 Essas funções maternas não necessariamente devem ser desempenhadas pela mãe. Famílias extensas anteriores à composição moderna da família incorporavam mais integrantes familiares que poderiam desempenhar a mesma função. Percebe-se que na atualidade muitas vezes o pai que desempenha a função materna devido à falta da mãe, por motivos de trabalho ou outras situações. Sendo assim, as funções maternas não se restringem à mãe, nem ditam uma conduta específica de maternidade afeita aos papéis tradicionalmente instituídos na sociedade patriarcal.

– o pai, a mãe, os familiares – é perceptível a importância que o olhar desses têm na formação da personalidade.

O *holding* retrata a sustentação ou reforço dos cuidados maternos cotidianos, ou seja, a mãe cria uma rotina de cuidados que vão sustentar psiquicamente a criança, assim a realidade externa fica facilitada para o bebê, bem como sua integração no espaço e no tempo, criando para si campos de referência. Se a mãe o pega no colo, transmite firmeza, amamenta-o pode acelerar o processo de maturação devido a circunstâncias satisfatórias. Por sua vez, o *handling* vai tratar da manipulação do bebê enquanto ele é cuidado. É a chamada personalização, função que harmoniza a vida psíquica da criança com o corpo. Para que a criança se desenvolva física e emocionalmente é necessário que o contexto que a cerca seja um ambiente facilitador, que atenda às suas necessidades.

O ambiente facilitador é, no início, “a mãe suficientemente boa”. “A expressão suficientemente boa” refere-se à mãe capaz de reconhecer e atender à dependência do lactente, devido à sua identificação com ele, a qual permite-lhe saber qual é a necessidade do bebê, num dado momento, e responder a ela. Da bondade “suficiente” faz parte a espontaneidade e a pessoalidade da mãe no seu cuidado com o bebê, além da sua capacidade de acreditar que o bebê é um processo de amadurecimento em curso e que, portanto, não é ela – seus cuidados ou controle da situação – que dará vida ao bebê. A mãe apenas facilita um processo que pertence ao bebê. Ela é suficientemente boa porque atende ao bebê na medida exata das necessidades deste, e não de suas próprias necessidades, como, por exemplo, ser boa ou muito boa. O que o bebê necessita é preocupação e dos cuidados efetivos de uma mãe real, que continua sendo conscientemente ela mesma, falível porque é humana, mas confiável justamente por ser falível (DIAS, 2003, p. 133, grifo do autor).

Do ponto de vista winnicottiano, *a priori* a mãe suficientemente boa é o ambiente que favorece o bebê a se desenvolver, pois é ela que conhece as necessidades dele e se adequa a elas justamente por reconhecer a dependência que ele tem. Ao estabelecer esse espaço de desenvolvimento emocional, a mãe possibilita que a criança viva uma experiência de onipotência e progrida em seu desenvolvimento buscando a integralidade, crescendo emocionalmente e retendo experiências (CELERI, 2009).

A apresentação do objeto tem por função a apresentação do seio ou da mamadeira ao bebê. A partir disso, a criança passa a esperar que algo surja em razão das suas necessidades e ele as aceita naturalmente. Cria-se então, para esse bebê, a ilusão de que o objeto foi criado para a obtenção de sua própria satisfação (WINNICOTT, 1967). Quando o objeto lhe é apresentado leva o bebê a ter a

experiência da onipotência, uma vez que esta ilusão é reforçada sempre que a mãe (ou outro cuidador que desempenhe a função materna) está a sua disposição, protegendo-o de insuportáveis fontes de angústia.

A relação de objeto está inteiramente vinculada a apresentação que a mãe faz ao lactente de cada pedacinho do mundo. Vagarosamente, ela aumenta a porção de realidade compartilhada que apresenta ao bebê, satisfazendo a crescente capacidade da criança de usufruir o mundo, sempre tomando o cuidado de preservar certa parte de ilusão, condição indispensável para o viver criativo (CELERI, 2009, p. 33).

Um fator relevante dentro do processo de amadurecimento da criança diz respeito aos cuidados, tanto emocionais quanto físicos que a criança recebe durante o seu desenvolvimento. A fase dos primeiros anos de vida é um momento o qual requer cuidados primordiais, pois a criança depende de outra pessoa que lhe dê cuidados necessários à sobrevivência e desenvolvimento tanto físico quanto emocional. Para Winnicott:

Muita coisa acontece no primeiro ano de vida da criança: o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio; num estudo da evolução da personalidade e do caráter é impossível ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida (e mesmo do último estágio da vida pré-natal, no caso de crianças pós-maturas); e até a experiência do nascimento pode ser significativa (WINNICOTT, 2011, p. 3).

Alguns dos cuidados imprescindíveis à sobrevivência e desenvolvimento da criança são proteção, alimento, segurança, acompanhamento de sua saúde. No entanto, referir ao olhar necessário durante os primeiros anos de vida não se restringe aos fatores necessários à sobrevivência, pois, durante a formação da personalidade, a criança precisa receber cuidados afetivos. Esses cuidados podem ser direcionados à criança desde a fase da gravidez. A influência que o olhar materno e paterno tem nos primeiros anos de vida da criança reverberará por toda sua vida. Durante o processo de seu desenvolvimento físico e emocional a criança precisa receber o olhar que a acolhe. Esse olhar diz respeito aos cuidados necessários para o desenvolvimento tanto físico quanto emocional do ser humano. Essa reverberação não significa dizer que toda criança que não recebeu o olhar ou recebeu afeto insuficiente de seu cuidador, na vida adulta desenvolverá algum tipo de transtorno de

personalidade. Porém, quando se refere a formação da personalidade humana, o olhar do Outro é um fator relevante dentro dessa constituição (DINIZ, 2006).

Na teoria winnicottiana, a relação mãe-bebê é destacada como primordial para o desenvolvimento do neném. Neste desempenho do papel materno é relevante que a mãe se sinta segura no seu contexto familiar para que ela também se sinta apoiada na criação de seu filho. Além da importância dada ao papel materno, Winnicott também evidenciou a importância do pai, pois é este que tem o papel de possibilitar um desenvolvimento saudável ao oferecer segurança à relação mãe-bebê. “Deste modo o bebê poderá integrar-se com auxílio da presença paterna” (FERREIRA; ATIELLO-VAISBERG, 2006, p. 138).

A teoria winnicottiana ressalta o papel de duas formas. Em primeiro lugar o pai pode desenvolver o papel como mãe substituta, ou seja, propiciando cuidados diretamente à criança, dando-lhe afeto. Outra característica atribuída ao papel do pai é o de ter a função de ser o principal cuidador da dupla mãe-bebê.

Por estar presente e fornecer esses cuidados, ele compõe, junto com a mãe, o ambiente total em que o bebê habita. Neste sentido específico, o pai participa do colo que a mãe dá ao bebê a partir da efetiva experiência que a mãe tem da presença do pai (ROSA, 2009, p. 66).

A capacidade que a mãe tem de cuidar da criança não se dá devido ao conhecimento formal para tal função, mas sim por meio das experiências sensíveis obtidas durante a gravidez. Esses cuidados serão dados à criança por meio de seus cuidadores, que poderão ser a mãe, o pai ou outros cuidadores secundários que disponibilizarão a atenção que contribuirá para a formação da personalidade da criança. Tendo em vista que o cuidador é o Outro primordial que desempenha o papel de suprir as necessidades físicas e emocionais da criança, considera-se que tais cuidados são recebidos pela criança como o olhar que ela precisa receber nos seus primeiros anos de vida para se desenvolver (FERNANDES MENDES; FONTES PESSÔA, 2013).

Os sentimentos dos pais são repassados para a criança não somente após o seu nascimento, mas sim desde o momento em que passam a saber da sua chegada. Por mais receptivo e carinhoso que o pai seja, é compreensível que a mãe tenha muito mais vínculo com o bebê e um significado maior no processo da gravidez, devido a

sua responsabilidade na gestação estabelecendo assim a díade mãe-bebê, tão importante na constituição da personalidade do indivíduo.

A preocupação materna primária é um estado psicológico em que a mãe está mais sensível às necessidades emocionais e físicas do bebê. É um estado natural das mulheres no período da gravidez e algumas semanas após o nascimento do bebê. A mãe que desenvolve a preocupação materna primária pode facilitar ao bebê uma vivência mais tranquila nos primeiros momentos de sua vida (TELLES; SEI; ARRUDA, 2010, p.110).

Também há as implicações de saúde, alimentação, vícios que influenciam positiva ou negativamente no processo de formação biológica, emocional e cognitiva da criança. Dessa forma, todas as características emocionais que forem dispensadas a ela serão fatores os quais influenciarão durante a formação de sua personalidade. “A afetividade e a emoção são dimensões essenciais dos cuidados parentais, com reflexos no desenvolvimento infantil, seja através das práticas do cotidiano, seja em função de crenças parentais que norteiam a forma de criar a criança” (FERNANDES MENDES; FONTES PESSÔA, 2013, p. 16). Todas as emoções - alegria, surpresa, confusão, ódio, raiva, nervoso, ansiedade e tantas outras – que a mãe sente são passadas diretamente para o bebê.

É natural que durante o período de gestação e também depois de algumas semanas a mulher desenvolva uma sensibilidade emocional que facilite identificar e atender às necessidades da criança. O atendimento às necessidades do bebê permite que ele se desenvolva de modo mais seguro, controle suas pulsões e constitua um *self* que permita resiliência diante das dificuldades que lhe surgirem (TELLES; SEI; ARRUDA, 2010). Essa dedicação em tornar o ambiente do bebê mais acolhedor facilita para que seus primeiros anos de vida sejam vividos de forma mais agradável.

4.1.4 Estágios do Desenvolvimento Humano: René Spitz

René Spitz⁵ sistematizou os estágios de desenvolvimento humano enfatizando a importância das relações objetais, defendendo que, ao nascer, o ser humano se encontra absolutamente desamparado, e que por isso ele depende totalmente de

5 Psicanalista vienense, (1887-1974) que desenvolveu a teoria do desenvolvimento humano tendo enfatizando as relações objetais do primeiro ano de vida do ser humano. Ele realizou investigações relevantes sobre Psicologia infantil (BENELLI; SAGAWA, 2000).

outra pessoa para proporcionar os cuidados necessários à sua sobrevivência. Nos primeiros anos de vida o ser humano necessita de cuidados de outras pessoas que lhe deem amparo tanto quanto à questão biológica - provendo o alimento, o conforto necessário, suprimindo as suas necessidades físicas - como também afetivas. O bebê humano é um ser que depende de outra pessoa para lhe prover proteção e afeto. Esses cuidados tanto físicos quanto psicológicos contribuirão para o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano (SPITZ, 1998).

Para René Spitz, o desenvolvimento emocional da criança se divide em três estágios que são chamados de estágio pré-objetal, estágio precursor do objeto e estágio do objeto real. Com o passar do desenvolvimento, o bebê atribui significado diferente ao objeto libidinal. O objeto libidinal corresponde ao objeto de instinto sendo o meio usado pelo instinto para alcançar seu objetivo e o sujeito estabelece uma relação de interesse com esse objeto. O objeto libidinal não necessariamente se refere a algo estranho, podendo ser até mesmo uma parte do próprio corpo (SPITZ 1987).

Segundo René Spitz, a criança não possui atividade psíquica ao nascer e os afetos a ela remetidos são percebidos de forma global, de modo que somente com o tempo o bebê desenvolve uma relação de apego com os objetos. O estágio pré-objetal, também chamado de "sem objeto", ocorre do nascimento até por volta dos três meses de vida. No estágio pré-objetal o recém-nascido não consegue fazer diferenciação entre seu próprio corpo e a realidade externa. Sendo assim, ele não tem uma percepção do seu próprio corpo como algo diferente dos objetos que estão ao seu redor.

[...] a percepção, a atividade e o funcionamento do recém-nascido estão insuficientemente organizados em unidades, exceto, até certo ponto, em unidades que são indispensáveis à sobrevivência, tais como o metabolismo e consumo alimentar, circulação, função respiratória, etc (SPITZ, 1987, p. 27).

Sendo assim, as percepções que o bebê tem durante esse período estão interligadas às condições necessárias para a sua sobrevivência. Toda percepção da criança nesse período é intrínseca aos sistemas interoceptivo e proprioceptivo. É a partir desses sistemas que a criança tem a percepção de suas necessidades, que podem estar ligadas por exemplo, a sentir dor, fome, calor, frio ou qualquer outra necessidade que produza na criança uma reação de busca por ser atendida.

A partir do segundo mês de vida o bebê começa a ter uma percepção diferenciada ao se deparar com o rosto humano, identificando este como algo que se difere do plano de fundo. No terceiro mês de vida a criança começa a expressar uma busca pelo rosto humano desenvolvendo uma nova resposta diante deste por meio do sorriso. No segundo estágio do desenvolvimento humano teorizado por René Spitz:

[...] o progresso de maturação física e do desenvolvimento psicológico do bebê permite-lhe coordenar pelo menos uma parte de seu equipamento somático e usá-lo para expressão de uma experiência psicológica; ele agora responderá ao rosto humano adulto com um sorriso (SPITZ, 1987, p. 65).

Além das necessidades fisiológicas inerentes ao recém-nascido é possível verificar já nessa etapa dos primeiros meses de vida a existência de uma busca da criança pelo afeto. É possível identificar que, além das necessidades fisiológicas, surge nesse estágio de desenvolvimento emocional a necessidade que a criança expressa de ter um olhar que lhe ampare e lhe transmita afeto.

O terceiro estágio de desenvolvimento emocional, que é o do objeto real, se dá por volta dos oito meses de vida. Nesse estágio o bebê consegue fazer distinção entre a mãe e as demais pessoas. Assim, ele tende a esboçar uma ansiedade diante de alguém que seja estranho por meio de reações como choro. Tendo em vista essas necessidades, a criança depende de uma pessoa que entenda suas necessidades. “O Outro materno é o intérprete do bebê” (DE FREITAS LOPES, 2012, p. 203). Dentro de um prisma psicanalítico, pode-se afirmar que o sujeito é um ser que desde a concepção passa por constante processo de desenvolvimento. Dessa forma, o sujeito é um ser constituído tanto pelas suas características inatas quanto pelas aprendidas após o nascimento. Assim, ao procurar definir o sujeito se faz necessário considerar a sua própria constituição (ELIA, 2004).

Ao nascer, uma criança traz modificações na dinâmica familiar e social. Tanto a família quanto a sociedade ao redor passam a ter novas responsabilidades diante do desafio de facilitar o desenvolvimento biopsicossocial desse ser humano que passa a integrá-las (DE FREITAS LOPES, 2012). No decorrer de seu desenvolvimento psicossocial, o ser humano vai construindo a sua identidade como indivíduo ao passo que não se vê de modo homogêneo à sociedade como um todo. Assim, ele passa a perceber que sua identidade é construída a partir de algumas diferentes instâncias como sua genética, história, seus familiares e o ambiente em que vive (ROCHA,

2011). É de acordo com os pais que a criança vai estabelecendo seus processos de identificação. “De fato, esses processos identificatórios dos pais fazem parte e são parcela das relações de objeto. Sem eles, o desenvolvimento da criança em um ser humano estaria prejudicado” (SPITZ, 1998, p. 38). Esse suporte emocional na vida da criança desde os primeiros anos de vida é fundamental para o seu desenvolvimento.

4.2 A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO IDENTIFICATÓRIO

4.2.1 Teoria do Estádio do Espelho

A importância dos cuidados iniciais foi destacada por Jacques Lacan⁶ ao estabelecer o Estádio do Espelho. Este refere-se a um período do desenvolvimento da criança que se inicia aos seis meses, aproximadamente, e se encerra por volta dos dezoito meses. Nesse período, a criança começa a reconhecer a sua imagem por meio de um reflexo; esse reflexo não emana necessariamente de um espelho, mas de tudo que devolve para o infante a sua imagem - o que pode ocorrer por meio da interação com outras pessoas, em meio às quais a criança começa a compreender que não se confunde com elas. É caracterizado principalmente pela identificação da criança com o Outro e pela representação da unidade corporal (BOSCO, 2015).

A identificação é, então, a parcela de atividade que cabe à criança mediante a percepção de uma imagem que lhe vem do exterior. Essa assunção da própria imagem pela criança é o que originalmente precipita a construção do “eu” conferindo-lhe sua forma primordial: o “eu” ideal, forma que será a fonte de todas as identificações secundárias responsáveis pela função de normalização libidinal e que representa o caráter estático e permanente do eu (SALES, 2005, p. 118).

Ao realizar elaborações teóricas concernentes ao desenvolvimento humano, Jacques Lacan desenvolveu a teoria a qual nomeou Estádio do espelho. No contexto dessa teoria a palavra “estádio” possui sentido figurado que significa “fase”, “período” (BUENO, 2007). Lacan utiliza a expressão estágio (fase) do espelho para remeter a

6 Psiquiatra e psicanalista francês (1901-1981). Intérprete das obras de Freud, foi o único teórico a dar a essas obras uma estrutura filosófica (ROUDINESCO, 1998).

um período específico da vida no qual a personalidade está sendo formada. Esse período corresponde dos seis aos dezoito meses de vida.

De acordo com a teoria lacaniana, o espelho é uma metáfora que vai além do sentido literal do termo. Para discorrer sobre sua teoria, Lacan fala sobre a imagem de um bebê frente ao espelho. Dessa forma, a metáfora utilizada por ele engloba quatro fatores – o espelho, o bebê, sua imagem refletida no espelho e o fenômeno de reconhecimento que o bebê tem de si mesmo frente sua imagem (IMANISHI, 2008).

A palavra espelho circunscreve significados que podem oscilar desde o sentido literal do termo, que remete ao objeto real, até o sentido mais complexo de uma metáfora simbólica ou imaginária. O significado real literal da palavra espelho denota um objeto concreto que não possui um fim em si mesmo, mas que tem a função de refletir o que está à sua frente.

Ao conferir poeticamente uma importância para o objeto chamado espelho, Rocha escreve:

A História é permeada pela figura do espelho, objeto que está presente no cotidiano, nas representações pictóricas, na literatura, na indumentária, que também é sinônimo de luxo, status social, tem grande papel na história da religiosidade, da cultura. Desde o simples reflexo na água, da obsidiana ou do espelho de metal polido até os espelhos que conhecemos na atualidade, este é um objeto que ínsita a introspecção, a curiosidade e o recolhimento, a auto-análise e reconhecimento de si. Portanto, nada mais cabível para ajudar o indivíduo e entender sua necessidade de se destacar como ser único e diferente do espelho (ROCHA, 2011, p. 307).

Nesta acepção, acerca do espelho, percebe-se que as características atribuídas a ele, não recaem simplesmente na identificação de um objeto concreto que reflete imagens do que está à sua frente. Numa perspectiva subjetiva, o espelho é retratado por Rocha (2011) como um objeto que está presente desde os tempos mais remotos da História, já que este pode ser obtido até mesmo no reflexo da água. Além dessa reflexão que recai sobre o espelho como um objeto com características concretas, que é a detenção do reflexo de uma imagem qualquer, é ressaltado também a importância de tal objeto dentro do processo de individuação do ser humano, ou seja, sua identificação como ser único e diferente dos demais.

A fase do estágio do espelho ocorre a partir dos seis meses, podendo perdurar até os dois anos de idade da criança. O estágio do espelho demarca um campo para que estas relações aconteçam na formação do eu, indicando, para isso, uma experiência que diz respeito à identificação que essa criança faz diante do espelho,

mas a formação do eu não se reduz esse fenômeno, porém quando ela se apresenta pode-se ver os elementos que integram esse jogo relacional em três momentos distintos (DE CASTRO STERNICK, 2010).

No primeiro momento, a criança está diante do espelho, porém, para ela, esse espelho é indistinguível, não é diferenciado das demais coisas. Assim, ao olhar para o espelho a criança não vê diferença entre sua própria imagem e os demais objetos. No segundo momento, da fase do espelho, surge então o semelhante, o outro que a criança vai interagir, querer bater, pegar como se fosse seu coleguinha. Antes se a criança via a sua própria imagem refletida e não a diferenciava das demais no espelho, agora ela já consegue interagir com sua própria imagem, como se fosse uma outra pessoa dentro do espelho.

Segundo Lacan, no “estádio do espelho”, o “eu” (moi) revela-se como uma representação, articulada à **imagem do corpo**, que a criança vê refletida no espelho. Esta imagem confere uma primeira unidade às partes do corpo da criança, até então meramente justapostas umas às outras. Esta primeira unidade corporal é formada pela identificação da criança com a imagem que ela vê projetada no espelho como a imagem de um outro (DINIZ, 2006, p. 129, grifo do autor).

A reação da criança nesse momento, tanto quanto do animal são iguais, pois não há, por parte da criança, o reconhecimento de um reflexo ou imagem e sim uma realidade, o outro concreto. No terceiro momento dessa experiência, onde antes a criança via a imagem como se fosse outra pessoa, passa a reconhecer a sua própria imagem. A criança passa a ver aquela imagem refletida no espelho que antes ela via como alguém diferente, como agora sendo a imagem de si (DE CASTRO STERNICK, 2010). Uma característica que marca esse momento é o sorriso. Ao sorrir, a criança tira o olhar do espelho e se volta para fora de si, para um Outro que está próximo dela, que a sustenta nessa experiência, dirigindo o seu olhar ao olhar do adulto, verificando o olhar que recebe do Outro, como também o reconhecimento que esse Outro faz quanto à experiência da identificação que a criança tem ao ver a sua própria imagem. É nesse momento que a diferença entre o eu e o outro acontece. O sorriso reconhece a identificação, mas busca o aval do outro como confirmação dessa identificação.

De frente para o espelho que é seu grande Outro, o bebê pode ter de volta a própria imagem que busca de si. Independente se esta será refletida engendrada de características que possam até transparecer seus defeitos, o que influenciará na personalidade desse ser em formação será a constatação que esse grande Outro é o

espelho autêntico, diante do qual a imagem refletida é autêntica e acolhedora. Quando a criança consegue ter a sua imagem refletida ao ponto de se sentir reconhecida no olhar do Outro, dificilmente ela desenvolverá uma busca por olhares de quaisquer outros. A imagem refletida pelo grande Outro denota aceitação e proteção, de forma que a criança se sinta segura para enfrentar os anos posteriores de sua vida (QUINET, 2012).

O estágio do espelho descrito por Jacques Lacan estabelece um diálogo com a obra de Freud, pois ambos baseiam-se em um elemento fundamental que é a interação do eu consigo mesmo e do eu com o outro. “A teoria do Estádio do espelho diz que a unidade do corpo não decorre das sensações orgânicas, mas sim da imagem encontrada no espelho ou no outro [...]” (BROUSSE, 2014, p. 4).

A teoria lacaniana aborda principalmente o momento da constituição do Eu, da identidade, a distinção entre o eu e o outro. A partir dessa distinção se dá a demarcação dos limites corporais em relação aos demais corpos que podem ser constituídos, como o corpo do outro, da realidade, dos objetos, concordando com as ideias de Freud as quais afirmam que o eu, a borda do corpo, a sensação de identificação desse eu não é o ponto de partida, pois ele há de ser constituído. É nesta perspectiva que Freud corrobora com Lacan, na afirmação de que o eu não se constitui a partir do amadurecimento biológico, mas é estabelecido por intermédio de uma ou mais relações.

A experiência de fragmentação do corpo pelas pulsões é superada pela cristalização de uma imagem unificante, que passa a ter peso de referência, trazendo uma vivência de júbilo diante do reconhecimento da própria imagem, que sucede o reconhecimento recebido pelo Outro. Há aí um recobrimento imaginário do real, e a cada momento que a experiência especular com o semelhante se repete, o eu consolida-se (BARROSO, 2012, p. 155).

A criança vai se reconhecer a partir da confusão entre o eu e o outro. É nessa dinâmica de olhares entre a sua própria imagem que a criança passa a desenvolver uma busca para que o Outro a reconheça. Quando esse reconhecimento acontece, uma característica destacada na teoria lacaniana é o momento do sorriso. Seu sorriso indica experiência de júbilo, a constatação de uma conquista, mesmo que necessite do reconhecimento, o valor do para fora do espelho. Nesse ponto, a ação supera qualquer semelhança a de um animal, pois a conquista dessa experiência com o outro perpetuará para a vida a cada relação, quer na infância ou não. O que sustenta a

experiência da criança é a linguagem utilizada pelo outro fora do espelho, o “sim” que a identifique a sua imagem. Há três dimensões específicas que são imprescindíveis e que sustentam a experiência psicanalítica quanto ao estágio do espelho, são elas: o simbólico, o imaginário e o real. Essas três dimensões criadas por Lacan têm uma correlação com as três instâncias psíquicas inscritas na teoria freudiana (CLAVURIER, 2013).

A dimensão chamada imaginário, presente na fase do espelho denota uma relação dual – uma relação do eu com o outro. Assim o imaginário diz respeito às ligações entre o eu e a sua própria imagem, o eu com o outro e o eu com a imagem do outro. Dentro da dimensão do imaginário esses fatores se misturam, incluindo dentro de suas relações confusão, pois ao mesmo tempo que a criança tem o reconhecimento do seu próprio eu, ela também se torna um outro distinto das demais pessoas. A dimensão do imaginário emerge a constituição do eu não a partir da instância biológica do indivíduo, mas sim da relação estabelecida com o outro (SALES, 2005).

O sentido do imaginário não é coincidente com a imaginação ou com uma ideia ilusória. Pelo contrário, o significante imaginário é concreto, sendo então embates constitutivos geradores de consequências. Essas consequências surgem a partir das relações do próprio eu com as imagens reais, que encantam o sujeito ou que traz embates. Isso diz respeito a própria imagem que o indivíduo tem de si mesmo. Em se tratando da relação mãe-bebê, o imaginário diz respeito às expectativas que a mãe lança sobre o bebê, estabelecendo assim um ideal de ego para ele, ou seja, projetando que ele será.

A teoria lacaniana concebe a importância do pai para instituir o simbólico para a criança, que é outra dimensão que Lacan destacou. A função paterna mencionada na teoria lacaniana tem o propósito de desmistificar as expectativas que a mãe direciona ao bebê. Assim, este passa a sentir a angústia devido uma sensação de vazio devido a essa separação com sua mãe, tendo que elaborá-la. O objetivo dessa função desenvolvida pelo pai é instigar na criança o surgimento de desejos. Ou seja, o bebê, não tem os mesmos desejos que a mãe, mas sim ele passa a ter os seus próprios desejos. A partir dessa frustração fusionada pela angústia de separação, a criança passa a desenvolver a linguagem. “O mundo do simbólico é, por excelência, o lugar do sujeito” (CHAVES, 2002, p. 69). O simbólico é a dimensão da linguagem por isso ele tem relação fundamental com a característica do ser humano de ser afetado pela

dimensão do discurso. De modo que a linguagem estabelece o desenvolvimento da comunicação. Assim, a função do pai é instituir a dimensão do simbólico, que circunscreve a linguagem, comum a todos os outros seres humanos (FRAYZE-PEREIRA, 1994). Se não houver essa intervenção do pai na relação mãe-bebê, a criança durante o seu desenvolvimento não terá limites, buscando a satisfação imediata de suas necessidades e não se importando se, para isso, teria que burlar as regras sociais.

Nesse contexto, o espelho dessa experiência não é o objeto em si, mas tudo aquilo que é capaz de devolver à criança sua imagem subjetiva: é a superfície que possibilita que o eu se reconheça, que se distinga do outro. Se a fase do espelho correspondesse apenas à experiência da criança ao ter a sua imagem refletida no espelho, não haveria como dizer que as crianças que possuem deficiências visuais passam por essa fase (IMANISHI, 2008). Assim, essa metáfora lacaniana refere-se ao reconhecimento que a criança tem a partir da relação que é estabelecida com o Outro.

É a partir do estágio do espelho que esse bebê vai percebendo a si próprio como um todo separado do Outro. A teoria lacaniana afirma que o estágio do espelho se refere ao desejo expresso pela dinâmica relacional, incluindo o olhar, o toque e a voz das pessoas do campo desejante, e não ao espelho propriamente dito, pois a construção do ego depende essencialmente com a imagem que é devolvida a partir do olhar do Outro desejante (SALES, 2005). Assim, o eu da criança vai se constituindo a partir de suas relações com o Outro e consigo mesma – a imagem que ela tem a partir do olhar desse Outro.

O bebê após seu nascimento, vive em relação simbiótica com a mãe, sendo ele uma extensão deste Outro primordial, formam uma única coisa com a mãe. Na continuidade com o postulado por Freud (no que concerne à vivência inicial em meio ao Princípio de Prazer) e seguido por Winnicott (acerca do estágio absoluto), inicialmente o bebê tem a sensação de onipotência, como se ele e a mãe fosse um ser só. É a partir do estágio do espelho, segundo Lacan, que o bebê vai percebendo a si próprio como um todo separado do Outro.

Aqui é importante ressaltar que, para Lacan, o estágio do espelho não consiste em uma etapa a ser superada, mas em uma situação que coloca o eu como um outro, dimensão essencial, responsável pela estruturação da fantasia. O sujeito aqui se constitui, separando-se (CHAVES, 2002, p. 69).

A criança já não se vê numa relação simbiótica, como parte do Outro, pois aos poucos ele vai percebendo que quem o cuida é um Outro primordial e, ao mesmo tempo, há uma interação da criança consigo mesma, pois ela também é um outro. A partir dessa fase, ela deixa de ter um olhar fragmentado de si mesma e passa a se ver como um todo, diferente do Outro (BROUSSE, 2014).

Na teoria lacaniana, o estágio do espelho é fundamental na constituição do eu, pois circunscreve o momento no qual o Outro primordial faz um investimento libidinal, de modo que a criança percebe se ela é desejada por meio do olhar a ela voltado. De acordo com o olhar que a criança recebe do Outro, ela passa a se ver reconhecida mediante este que sustenta e confirma a imagem dela, estabelecendo alteridade⁷, que passa a constituir parte da referência introjetada que a criança tem de si mesma. Esta é estabelecida a partir da relação que vai sendo construída entre a criança e outro (FRAYZE-PEREIRA, 1994).

A criança pode ter sido desejada até mesmo antes da concepção, na escolha do nome, o qual seus pais planejaram e desejavam durante a gravidez; pode ser que não tenha sido esperada, mas diante da gravidez a criança pode passar a ser desejada; esse olhar do Outro – da mãe, do pai, responsáveis – para a criança, o objeto desejado, pode ter surgido após o nascimento. Assim, a busca por esse olhar do Outro para se enxergar como alguém que é desejado é fundamental para que a criança consiga construir o alicerce do seu eu. A teoria lacaniana elucida o espelho de uma forma primordial à constituição do eu, pois este é construído a partir das relações construídas consigo mesmo e com o Outro (LACAN, 2003).

Na teoria lacaniana o Outro é priorizado como sendo um fator imprescindível para o desenvolvimento da personalidade da criança. É desse Outro que a criança precisa receber o olhar no qual ela se sentirá aceita, amparada, segura, e por meio desse olhar a criança poderá perceber se é desejada ou não. Sendo assim, as teorias

7 Alteridade, como antes foi aludido, trata-se da relação com um outro que se refere à criança, tecendo um juízo sobre esta. Todavia, cabe ressaltar que este “outro” externo passa a ser incluído na própria ideia de “mesmidade”, ou seja, a referência que o eu tem de si mesmo – tema caro a Paul Ricoeur quando trata de ipseidade - que designa a identidade pessoal e reflexiva, se constitui de uma alteridade intrínseca (PIVA, 2010). Este conceito, embora não seja diretamente elaborado neste trabalho, perpassa as reflexões da constituição de si a partir de um “outro”; como vimos, tal processo está presente em todos os autores psicanalistas mencionados nesta pesquisa e explicitamente se apresenta nas reflexões de Lacan sobre o estágio do espelho.

da personalidade desenvolvidas por Freud, Winnicott e Spitz partilham do preceito de que a relação afetiva entre a criança e os seus principais cuidadores é um fator que integra a personalidade, podendo ser determinante na formação da personalidade.

Ao observar a teoria freudiana sobre o superego (que estabelece no mundo interno do indivíduo as normas sociais, instituindo a lei e determinando suas ações), é possível afirmar a importância do Outro, corresponde à função paterna. Esta é que tem o papel de instituir limite à criança, sinalizando a conduta que ela pode ou não ter. O limite estabelecido por meio de um olhar afetuoso proporcionará proteção à criança. Esta, por sua vez, diante dos desafios que possivelmente encontrará durante todo o seu desenvolvimento, se sentirá segura por ter recebido um Olhar que a protege.

Mas falar sobre personalidade e a importância do olhar do Outro no decorrer de sua formação não significa estabelecer padrões para esse olhar. Ao observar as teorias psicanalíticas, não há nenhuma postulação de um padrão de perfectibilidade para dizer que tal ou qual olhar (cuidados) direcionado a uma criança seria o ideal.

Ora, o reconhecimento pelo sujeito de sua imagem é um fenômeno que, para a análise desse estágio, é duplamente significativo: o fenômeno aparece depois de seis meses e o seu estudo, nesse momento, revela demonstrativamente as tendências que então, constituem a realidade do sujeito; a imagem especular, justamente em razão destas afinidades, fornece um bom símbolo desta realidade: de seu valor afetivo, tão ilusório quanto a imagem, e de sua estrutura, que como ela, é reflexo da forma humana (LACAN, 2003, p. 47).

Cada sujeito pode reagir de modo diferente frente as situações vivenciadas na vida infantil. Isso pode acontecer em função dos mecanismos de defesa, por meio de distorções quanto a realidade ou negações inconscientes. Entre essas reações inconscientes está a sublimação, que é um “mecanismo de defesa que envolve a alteração ou o deslocamento de impulsos do id transformando energia instintiva em comportamentos socialmente aceitáveis” (SHULTZ; SHULTZ, 2011, p. 54). Assim, pode ser que mesmo tendo uma infância marcada por abandono ou maus tratos, o indivíduo seja capaz de transformar sua vivência de sofrimento em atitudes que sejam benéficas para si e o meio social no qual está inserido.

Algumas psicopatologias podem ser correlacionadas a uma possível falta de afeto durante os primeiros anos de vida. O impacto da desaprovação alheia é variável e depende, em última análise, de que tipo de infância o indivíduo teve. A questão é entender se a crítica será experimentada como algo desagradável ou como a mentira

absolutamente catastrófica que aconteceu a ele décadas atrás nas mãos dos seus primeiros cuidadores. O que se entende por uma infância ruim é uma questão que envolve afeto, ou a falta dele.

Um bebê chega ao mundo com uma capacidade muito limitada para suportar o seu próprio ser. É a tolerância, entusiasmo ou perdão de outra pessoa que gradualmente o aclima em sua existência. A maneira característica dos cuidadores olharem para a criança torna-se a maneira como ela passará a considerar-se. É sendo amada por outra pessoa que a criança aprende a arte de olhar com empatia para sua própria imagem, composta por qualidades e defeitos. Não é simplesmente ter a responsabilidade de acreditar em si por conta própria. O sujeito é totalmente dependente de um sentido interior que pode aludir ao juízo de ter sido avaliado de forma desordenada por outra pessoa no início de sua vida, podendo desenvolver psicopatologias como um modo de se proteger contra a subsequente negligência do mundo (QUEIROZ, 2006). E este juízo ocorre em tenra idade, em meio de uma percepção da eficácia de se comunicar e ser compreendido pelo Outro. A comunicação é um fator primordial para a formação da personalidade. É por meio da linguagem, quer seja através do choro, olhar, sorrir ou proferir palavras, que a criança comunica as suas necessidades e que também o adulto a atenderá.

Sob a perspectiva das teorias desenvolvidas por Freud, Winnicott e Spitz é possível identificar a importância da comunicação como um fator imprescindível para o estabelecimento de um relacionamento entre a criança e o Outro. Dependendo de como essa linguagem é direcionada para a criança, pode-se desenvolver a formação de diferentes tipos de personalidade.

Quanto à estrutura de personalidade Bergeret (2000) apresenta duas grandes estruturas que são a neurose e a psicose. Além dessas duas estruturas, há também a aneestruturação. A psicose é uma estrutura de base primitiva, pois ela acontece nos primeiros anos de vida devido à premissa de relação fusional entre a mãe e o bebê, ou seja, a criança em momento algum teve separação dessa mãe. De modo que esta não permitisse que a criança passasse pelo processo de maturação. Assim, o afastamento dessa mãe causa angústia na criança de modo que ela se sente fragmentada. A partir da premissa freudiana chamada Complexo de Édipo – momento no qual a criança entende a figura paterna como lei, autoridade, que lhe dá limite e que assim acontece a integração do superego – é que a estrutura neurótica é formada.

Para Bergeret (2000) um sujeito que se constitui enquanto neurótico ou que se constitui enquanto psicótico, não mudará. Já a aneestruturação remete, como pontua Santos (2016), a uma organização psicodinâmica de personalidade limítrofe, ou seja, o indivíduo não tem uma estrutura de personalidade formada. Sendo assim, a aneestruturação é maleável, sendo que ela pode mudar, podendo ter uma vizinhança psíquica neurótica, psicótica ou até mesmo perversa. Quanto à organização psicodinâmica da personalidade limítrofe e da psicopatia, ambas são consideradas pela teoria psicodinâmica psicanalítica como tomando parte de aneestruturas, a partir das quais se estabelece uma relação anaclítica – de apoio – a um objeto externo. Todavia, tais organizações serão aqui citadas em seus aspectos nosológicos, a partir dos quais os Transtornos de Personalidade Borderline e o Transtorno Antissocial deverão ser compreendidos como sendo parte de uma organização de personalidade sem estrutura específica.

Para se sentir amada, a criança não necessariamente precisa receber o olhar de muitas pessoas, mas é fundamental que ela receba durante a formação da sua personalidade o olhar do seu Outro - a mãe, o pai ou um cuidador secundário (CÂMARA, 2010). Entre as consequências que podem se desencadear se houver falha ou falta do olhar do Outro será uma constante busca por perfeição, mas mesmo recebendo o olhar de aprovação de outras pessoas, a criança com o passar dos anos pode se sentir aquém desse olhar. Os primeiros anos de vida sem receber o olhar do Outro primordial pode gerar no indivíduo atitudes inadequadas em busca de aprovação descomunal, fato este que pode surtir em prejuízos (físicos, psicológicos e sociais) tanto para ele quanto para os seus pares.

4.2.2 O Olhar do Outro como Constituinte do Processo de Individuação

Ao considerar a importância do olhar do Outro, as consequências que podem surgir não se limitam à sua falta, mas também à falha que pode haver nesse olhar. Pode ser que a criança receba os cuidados físicos de que precisa (conforto, alimento, roupas, acompanhamento da saúde física) e que também tenha quem, de alguma forma, lhe dê afeto. Contudo, há de se ressaltar que podem haver falhas nesse olhar que lhe é designado. A criança receber cuidados afetivos não significa ter uma garantia de que as suas necessidades emocionais estão sendo supridas de modo

suficiente para um desenvolvimento mental saudável. Assim como na teoria winnicottiana, o pensamento lacaniano afirma que o sujeito jamais aprende a si mesmo, mas, sob a forma do seu eu, sendo uma relação consigo com um Outro (SALES, 2005).

O Estádio do Espelho se configura como um fator determinante na configuração da formação da personalidade da criança. Isso acontece, pois, a criança necessita de ser cuidada, de ser “olhada”, ou seja, desejada pelo Outro. É justamente esse Outro, que pode ser a mãe, o pai ou outra pessoa participante que tenha afeto pela criança, que servirá como um espelho para que ela se sinta desejada. É o Outro que vai ter um olhar voltado para a criança de modo que ela se sinta amada e se reconheça nesse Outro. A relação estabelecida e desenvolvida entre a criança e o seu cuidador vai gradativamente sendo inserida na formação de sua personalidade, fazendo com que esta seja formada de modo saudável. Embora a vida do sujeito não se resuma nem seja determinada pela modalidade de olhar que ele receberá ou não do seu Outro primordial nos primeiros anos de vida, não há como negar que esse olhar é um fator que constitui a sua personalidade. Destacar a importância do olhar do Outro na vida da criança não significa atribuir negligências de toda a espécie. Contudo, cabe sinalizar que este olhar não é naturalizado, mas um ideal concebido socialmente: embora seja idealizado que os pais sejam responsáveis o suficiente para dar afeto ao filho, a realidade nem sempre é essa. Existem mães e pais que não têm estrutura emocional para lidar com uma criança com todas as suas necessidades de ser cuidada e deter o afeto de que precisa.

4.3 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA FALTA DO OLHAR

4.3.1 Psicopatologias Possíveis

Levando em consideração que as teorias de Freud, Winnicott, Spitz e Lacan destacam o lugar do Outro na vida da criança, pode-se apresentar algumas consequências – transtornos de personalidade – que podem surgir devido à falta ou a falha (insuficiente ou excessiva) do olhar do Outro.

Ao observar as fases ou estágios do desenvolvimento da personalidade segundo os respectivos referenciais teóricos, não se encontra a descrição de um olhar perfeito.

Não há uma forma que padronize um olhar do Outro “perfeito”. Contudo, é possível mencionar algumas características implícitas nas teorias de Freud, Winnicott, Spitz e Lacan que são primordiais dentro de uma reflexão sobre o olhar afetivo que a criança precisa receber. Algumas características implícitas no olhar do Outro primordial que podem ser elencadas como necessárias ao ser humano durante a formação da personalidade são: acolhimento, aceitação, sustentação, proteção, segurança, autonomia e amparo.

A ausência do olhar do Outro, a falha ou mesmo o excesso (rigidez) pode gerar transtornos na formação da personalidade da criança. As patologias resultantes da ausência de afeto ou insuficiência deste, são indícios do quanto os cuidados afetivos são necessários para o saudável desenvolvimento psíquico da criança. Porém, o que dá respaldo para se priorizar o olhar do Outro não são as patologias. Elas são fundamentais dentro dessa reflexão, porém o ponto de partida para falar sobre a importância do olhar do Outro está justamente na comprovação, dentro das teorias psicanalíticas apresentadas, de que o ser humano carece de cuidados. (VELOSO, 2009). Diante da insuficiência de afeto, a criança pode desenvolver uma personalidade de instabilidade emocional, que oscila em seus relacionamentos interpessoais do decorrer da vida. A partir da busca por um olhar afetivo, o indivíduo pode desenvolver relações anaclíticas, ou seja, ele passa a desenvolver relações de apoio com outras pessoas para assim, tentar suprir a carência emocional. Sendo assim, o indivíduo desenvolve uma organização de personalidade limítrofe, podendo desencadear transtornos como o de Personalidade Borderline e o Transtorno Antissocial.

O Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) ou limítrofe é um transtorno mental grave que se caracteriza por um padrão de instabilidade contínuo de humor, emoções, comportamentos, autoimagem e funcionalidade que resultam em atitudes impulsivas e relacionamentos sem estabilidade; pode ter ocorrências de situações intensas de raiva, estado depressivo e ansiedade. O Transtorno de Personalidade Borderline tem a tendência de se manifestar no início da adolescência. Também apresenta um padrão de instabilidade nos relacionamentos interpessoais, autoimagem e afetos, bem como de acentuada impulsividade. Dentre os sintomas presentes, pode-se perceber esforços desesperados para evitar abandono, real ou imaginário; padrões de relacionamentos interpessoais instáveis e intensos que se alternam entre extremos de idealizações e desvalorização; há perturbação da

identidade, sendo que, quanto a autoimagem, o indivíduo tem instabilidade acentuada e persistente; comportamentos impulsivos em pelo menos duas áreas potencialmente autodestrutivas; outros comportamentos predominantes nesse transtorno são gestos ou ameaças suicidas ou comportamento automutilante; devido à acentuada reatividade de humor há instabilidade afetiva; sentimentos permeados por sensações crônicas de vazio, raiva inapropriada e de forma intensa ou dificuldade em controlá-la; ideação paranoide transitória associada a sintomas dissociativos intensos. Conforme o DSM-5 (2014) o Transtorno de Personalidade Borderline apresenta: “Um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem e dos afetos e de impulsividade acentuada que surge no início da vida adulta e está presente em vários contextos [...]” (DSM-5, 2014, p. 663). Além dessas características, o diagnóstico desse transtorno apresenta os seguintes critérios:

1. Esforços desesperados para evitar abandono real ou imaginado. (Nota: Não incluir comportamento suicida ou de automutilação coberto pelo Critério 5.)
2. Um padrão de relacionamentos interpessoais instáveis e intensos caracterizado pela alternância entre extremos de idealização e desvalorização.
3. Perturbação da identidade: instabilidade acentuada e persistente da autoimagem ou da percepção de si mesmo.
4. Impulsividade em pelo menos duas áreas potencialmente autodestrutivas (p. ex., gastos, sexo, abuso de substância, direção irresponsável, compulsão alimentar). (Nota: Não incluir comportamento suicida ou de automutilação coberto pelo Critério 5.)
5. Recorrência de comportamento, gestos ou ameaças suicidas ou de comportamento automutilante.
6. Instabilidade afetiva devida a uma acentuada reatividade de humor (p. ex., disforia episódica, irritabilidade ou ansiedade intensa com duração geralmente de poucas horas e apenas raramente de mais de alguns dias).
7. Sentimentos crônicos de vazio.
8. Raiva intensa e inapropriada ou dificuldade em controlá-la (p. ex., mostras frequentes de irritação, raiva constante, brigas físicas recorrentes).
9. Ideação paranoide transitória associada a estresse ou sintomas dissociativos intensos (DSM-5, 2014, p. 663).

Segundo Sadi (2011) os indivíduos com Transtorno de Personalidade Borderline apresentam comportamentos paradoxais em suas relações interpessoais: apesar de necessitarem do afeto das pessoas ao redor, apresentam-se de forma manipuladora, instável e variável, o que acaba gerando sentimento de confusão a essas pessoas; como resultado, tendem a ser evitados e rejeitados, assim, experimentam uma ansiedade intensa por medo de serem abandonados.

Em uma perspectiva psicodinâmica os fatores que podem vir a desencadear um transtorno de personalidade são predominantes dos primeiros anos de vida do

indivíduo. Para que uma criança se desenvolva de forma adequada esta necessita dos cuidados do seu meio, em especial, dos cuidados familiares. Sua estrutura de personalidade será formada a partir do tipo de relação estabelecida com a família, o primeiro vínculo no qual a criança se encontra (KLAUTAU, 2009). O ego é constituído a partir do efeito da imagem que a criança forma de si mesma a partir do olhar do Outro, pois é neste que ela procura reconhecimento para a formação do seu eu.

Uma das características do indivíduo que tem Transtorno de Personalidade Borderline é que este tem uma persistência de inadequação ao mundo externo; isso leva-o a um desvanecimento do objeto interno, visto que necessita procurar constante adequação às outras pessoas. Esse desvanecimento das representações internas é fruto da ausência de representação externa que causa uma não existência, um vazio que é a única coisa real para o sujeito. Sem um objeto externo adequado, não é possível a construção do narcisismo positivo.

O fracasso precoce da fidedignidade ambiental, que se verifica na patologia borderline, não permite ao sujeito ser capaz de fazer a distinção entre o seu mundo interno e externo e, conseqüentemente, impossibilita a criação de um espaço potencial próprio, onde o sujeito possa construir e reconstruir as suas próprias experiências (GODINHO, 2009, p. 350).

Nesse sentido, o Borderline necessita desse objeto externo para se constituir, de modo que não pode ser visto separado desse objeto, o que resulta em uma intensa dúvida de quem realmente é; o medo da perda do outro, assim, representa nada menos que o medo da perda de si mesmo. Pessoas que desenvolveram este transtorno podem ser comparadas a vulcões preparados para erupção a qualquer instante, pois apresentam súbitas alterações de humor e instáveis relações interpessoais, oportunizando um difícil convívio próximo.

O limite imposto de forma a reprimir o ego da criança pode desenvolver transtornos em sua personalidade. Ao esperar do Outro um olhar de aceitação, a criança pode desenvolver em si mesma um sentimento de perfeccionismo. Sendo assim, ela tende a ser insegura e não conseguir se sentir aceita mediante aos outros olhares. Desse modo, por mais que a criança alcance resultados satisfatórios nas suas conquistas, ela passa a buscar incessantemente sentir-se aceita e realizada. Porém a realização ou a falta dela está na busca pelo olhar do seu Outro. Ou seja, para a criança o olhar que ela deseja se torna inacessível. Para Bergeret:

A linguagem obsessiva é marcada pela rigidez, muitas vezes mascarada atrás de uma sobriedade na aparência modesta e reservada. O estilo é marcado pela clareza e a parcimônia. Pretende ser exato e ao serviço do racionalismo lógico; na realidade, permanece colorido por censuras e uma aridez afetiva. O objeto é tratado no discurso como uma criança, e mantido, por isso, a uma meia-distância, de forma a interessar no plano intelectual sem jamais seduzir no plano afetivo (BERGERET, 2000, p. 111).

Fatores como medo e ansiedade excessivos e ainda perturbações no comportamento do indivíduo são as principais características dos transtornos de ansiedade⁸. (DSM-5, 2014). Os transtornos não estão relacionados somente às ansiedades que o indivíduo possa enfrentar no momento, mas também pode estar correlacionado a acontecimentos passados, como traumas durante a infância.

A ansiedade, ou angústia, é o sinal mais evidente de algum sofrimento psíquico. São múltiplas as formas, os graus e as causas etiológicas dos transtornos de ansiedade, tanto a de forma moderada como a de intensidade insuportável, por causas externas objetivas ou por razões inconscientes não-palpáveis, de instalação aguda (tanto de um único episódio como de forma recorrente) ou de permanência crônica, como manifestações isoladas de angústia livre (taquicardia, falta de ar, medo de morrer, etc.) ou fazendo parte de transtornos mais complexos como quadros depressivos, de pânico, etc (ZIMERMAN 2005, p.169).

Assim, entende-se que o transtorno de ansiedade pode possuir várias causas e também não precisa, necessariamente, ser desencadeado por um único acontecimento traumático vivido pelo paciente. O transtorno de ansiedade pode ter sido desenvolvido mediante uma série de vivências traumáticas desde a infância, como abandono, rejeição, perdas emocionais. É importante que os critérios diagnósticos do transtorno sejam analisados para se distinguir qual o tipo de Transtorno de Ansiedade que o paciente se enquadra. Os critérios diagnósticos para o Transtorno de Ansiedade Generalizada são:

A. Ansiedade e preocupação excessivas (expectativa apreensiva), ocorrendo na maioria dos dias por pelo menos seis meses, com diversos eventos ou atividades (tais como desempenho escolar ou profissional). B. O indivíduo considera difícil controlar a preocupação. C. A ansiedade e a preocupação estão associadas com três (ou mais) dos seguintes seis sintomas (com pelo menos alguns deles presentes na maioria dos dias nos últimos seis meses):
1. Inquietação ou sensação de estar com os nervos à flor da pele. 2.

8 Pode-se compreender a presença de uma ansiedade patológica não situacional como aludindo a uma angústia primitiva derivada de uma angústia de fragmentação ou separação, que incide nos princípios da relação entre mãe e bebê(EMANUEL, 2005).

Fatigabilidade. 3. Dificuldade em concentrar-se ou sensações de “branco” na mente. 4. Irritabilidade. 5. Tensão muscular. 6. Perturbação do sono (dificuldade em conciliar ou manter o sono, ou sono insatisfatório e inquieto). D. A ansiedade, a preocupação ou os sintomas físicos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. E. A perturbação não se deve aos efeitos fisiológicos de uma substância (p. ex., droga de abuso, medicamento) ou a outra condição médica (p. ex., hipertireoidismo). F. A perturbação não é mais bem explicada por outro transtorno mental (p. ex., ansiedade ou preocupação quanto a ter ataques de pânico no transtorno de pânico, avaliação negativa no transtorno de ansiedade social [fobia social], contaminação ou outras obsessões no transtorno obsessivo-compulsivo, separação das figuras de apego no transtorno de ansiedade de separação, lembranças de eventos traumáticos no transtorno de estresse pós-traumático, ganho de peso na anorexia nervosa, queixas físicas no transtorno de sintomas somáticos, percepção de problemas na aparência no transtorno dismórfico corporal, ter uma doença séria no transtorno de ansiedade de doença ou o conteúdo de crenças delirantes na esquizofrenia ou transtorno delirante) (DSM-5, 2013, p. 222-223).

Falar sobre consequências na formação da personalidade não significa limitar-se apenas à questão da falta do olhar do Outro, mas sim levar em consideração quando há um olhar, mas que este não é suficiente para a criança se sentir aceita, acolhida e amada. Outro tipo de olhar que pode ser prejudicial na formação da personalidade é aquele incisivo, ou seja, quando o olhar do Outro é excessivo, fazendo com que essa criança se sinta muito aquém dele.

O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) é desenvolvido na infância ou início da adolescência, é caracterizado por um conflito do sujeito com a sociedade, tem como características essenciais a indiferença e a violação dos direitos dos outros, a falsidade e a manipulação também são elementos típicos do Transtorno de Personalidade Antissocial (DSM-5, 2014).

Os padrões de comportamento permanecem até a vida adulta, os indivíduos com esse transtorno não obtêm êxito em ajustar-se as normas sociais, podendo por diversas vezes cometer atos criminais. Os indivíduos com Transtorno de Personalidade Antissocial frequentemente enganam e manipulam para obter ganho pessoal, são impulsivos, tomam decisões no calor do momento e devido a isso fracassam ao fazer determinados planos. Não medem as consequências dos seus atos, não sentem remorso e não conseguem manter relações fixas, embora tenha facilidade para desenvolvê-las. Tendem a ser pessoas extremamente irresponsáveis, e comumente culpam as vítimas pelos seus atos, carecem de empatia e normalmente são insensíveis, cínicos desdenham frente aos sentimentos; direitos e sofrimento alheio (MEDEIROS, 2011). Esses indivíduos tendem a ser autoconfiantes, arrogantes

e convencidos, tem capacidade de sedução e um charme desinibido e superficial, são inteligentes, e podem ser volúveis e verbalmente fluentes, além de ter alto poder de convencimento. Esses indivíduos podem apresentar disforia, incluindo queixas de tensão e incapacidade de suportar a monotonia e humor deprimido, e podem desenvolver diversos outros transtornos como de ansiedade, depressivo e outros (DSM-5, 2014).

Pela nomenclatura do desvio, alguns o relacionam com os perfis lombrosianos criminosos, aqueles homens e mulheres que se insurgem contra as regras sociais, os valores vigentes, são violentos, perversos, predeterminados ao crime, reincidentes contumazes, indivíduos abomináveis, subumanos, intrinsecamente maus. Conseguem envolver suas “presas” sem muita dificuldade e não necessariamente com o emprego inicial de violência (SUECKER, 2005, p. 2, grifo do autor).

A sociopatia configura-se por características emocionais e interpessoais que apresentam um comportamento patológico de desordem emocional. Desenvolvendo assim, comportamentos totalmente antissociais (NUNES, 2009). A origem desse transtorno advém da primeira infância, dos primeiros meses de vida; nessa fase, o bebê não desenvolve uma relação de confiança com a mãe, ou seja, não há o sentimento de ser aceito e amado. Sem essa atenção da mãe o bebê se volta para si mesmo egocentricamente. Ao passar pelas primeiras experiências do bebê o aparelho psíquico vai automaticamente se formando, sendo o id regido pelo princípio do prazer e o ego regido pelo princípio da realidade. O superego vai se formando a partir das regras que o bebê vai recebendo, pois ele é “[...] composto por juízos de censura internos, discernimento acerca do bem e do mal, construção da moral” (SUECKER, 2005, p. 27).

Na sociopatia há uma deficiência do superego, fazendo com que não haja sentimento de culpa e reprovação, já que a indiferença afetiva faz parte do quadro do transtorno. Assim, a criança em seu desenvolvimento pode se tornar violenta e cruel sem o mínimo de preocupação com os efeitos de seus atos. Essa perversidade se dá especialmente àqueles que não satisfazem os desejos do sujeito com o transtorno.

Como as relações parentais não se desenvolvem de forma sadia, o superego que representa um “juiz interior”, diante de condutas violadoras dos direitos dos outros, não é desenvolvido. Os sociopatas não sofrem pelos seus atos ilícitos ou imorais e consequências, pois não se preocupam com tal fato. O interessante são os fins, não os meios para sua obtenção (SUECKER, 2005, p. 28, grifo do autor).

Assim, comumente é possível ver casos de criminosos que aparentemente não possuem sentimentos sociais, seus crimes chocam devido à crueldade e ausência de demonstração de culpa, associado aos famigerados assassinos em série (FANK *et al.*, 2007). Sendo a Psicologia uma ciência que estuda a mente humana, ela trata sobre a formação da personalidade com o propósito de desvendar como os valores que a criança recebe podem moldar seu jeito de ser, pensar e agir.

O indivíduo em conflito se expressa em condutas que causam sofrimento no outro, na forma de agressão ou até mesmo infringindo a lei. Partindo de um pressuposto psicanalítico de perversão, que postula que a personalidade deveria se formar no “Complexo de Édipo, que tem função de estruturação do funcionamento psíquico do indivíduo” e motiva a introjeção do superego, pode-se entender o que ocorre quando não existe tal introjeção.

Em indivíduos com Transtorno de Personalidade Antissocial não ocorre a castração, responsável por dar ao indivíduo uma organização quanto aos moldes sociais e éticos (FANK *et al.*, 2007). Como resultado dessa falha, os psicopatas são indivíduos que desprezam as obrigações sociais, possuem falta de empatia com os outros. Além disso, os psicopatas possuem egocentrismo patológico e baixa tolerância quanto às frustrações e também são incapazes de sentir remorso e culpa. Diante da correlação desse transtorno com as falhas no desempenho da função materna e paterna pode-se considerar as mudanças ocorridas nas configurações sociais.

Antigamente trabalhar fora e sustentar a família era papel exclusivo do homem. Fabrino (2012), considera que à mulher cabia a função de cuidar da casa e educar os filhos. Essas funções podem ser compartilhadas, o que em alguns aspectos poderiam ser muito mais saudáveis para a educação e criação dos filhos. Assim, estes teriam a participação tanto paterna quanto materna, considerando que ambas são essenciais para o desenvolvimento da criança. No entanto, o que muitas vezes ocorre é justamente o contrário: filhos crescendo sem a participação dos pais na sua criação, uma vez que a inserção de ambos no mercado de trabalho, aliada das exigências capitalistas, faz com que depositem seu tempo exclusivamente para atividades que geram capital.

Com o decorrer das primeiras experiências, se houver falhas no desempenho das funções materna e paterna, não havendo a adequada integração do aparelho psíquico, especificamente no que diz respeito à introjeção da instância superegoica, o indivíduo não desenvolve juízos de censura internos, não tendo discernimento

acerca do bem e do mal. Nesta perspectiva pode-se inferir outra possibilidade de desenvolvimento psicopatológico caracterizado a partir da falta de cuidados afetivos na infância: a Psicopatia. (WINNICOTT, 2012). A CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) a psicopatia se caracterizada por:

Indiferença insensível pelos sentimentos alheios; b) atitude flagrante e persistente e irresponsabilidade e desrespeito por normas, regras e obrigações sociais; c) incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldade em estabelecê-los; (d) muito baixa tolerância à frustração e um baixo limiar para descarga de agressão, incluindo violência; (e) incapacidade de experimentar culpa ou de aprender com a experiência, particularmente punição; (f) propensão marcante para culpar os outros ou para oferecer racionalizações plausíveis para o comportamento que levou o paciente a conflito com a sociedade. Pode também haver irritabilidade persistente como um aspecto associado. Transtorno de conduta durante a infância e a adolescência, ainda que não invariavelmente presente, pode dar maior suporte ao diagnóstico (OMS, 1993, p. 199-200).

Dessa forma, a criança passa a expressar comportamentos antissociais, até que estes se configurem em psicopatia. Como visto anteriormente, a teoria do amadurecimento é dividida em três fases. Winnicott descreveu a importância sobre a mãe suficientemente boa que se dedica ao bebê, e que no processo de amadurecimento o ajuda na passagem de diferenciação entre o Eu – aquele que eu sou de fato, e que me tornei justamente com a ajuda dessa mãe que não impede meu amadurecimento e sim me ajuda com ele - e o Não-Eu (a mãe, que é todo o ambiente inicial) (TELLES; SEI; ARRUDA, 2010). A partir dessa importância que recai sobre o processo de amadurecimento emocional, entende-se que se houver falhas por parte dessa mãe suficientemente boa durante a fase de dependência relativa, desencadeará um comportamento antissocial na criança (DIAS, 2000).

4.3.2 Caso Kevin: A Psicopatia como Consequência da Falta do Olhar do Outro

O livro *Precisamos falar sobre o Kevin* é um *Best-Seller* de Shriver (2011) que narra a história fictícia de um caso de Psicopatia desencadeado devido a falha do olhar materno. O enredo tem o formato de cartas escritas pela personagem Eva Khatchadorian dedicadas ao marido, Franklin. Sendo assim, a história não é apresentada de forma cronológica. Apesar de todas as cartas serem emitidas por Eva, com o decorrer da história percebe-se que o personagem principal da história é seu filho, Kevin Khatchadourian.

Logo na primeira carta à Franklin, a mulher expressa o quanto era difícil ter que desempenhar atividades do cotidiano, como por exemplo ir ao supermercado fazer compras. E essa dificuldade se dá exatamente por ter que encarar o desprezo e a afronta das pessoas que lhe encontram. Eva descreve como tem sido a sua rotina no novo trabalho da agência de viagem. Depois de contar sobre os acontecimentos vividos por ela durante os últimos oito meses, Eva começa a lembrar a sua vivência com o marido e expressa o sentimento de não ter desejado ser mãe dizendo: “O que deu em nós? Éramos tão felizes! Então por que motivo retiramos todas as nossas fichas e as pusemos nessa aposta ridícula de ter um filho?” (SHRIVER, 2011, p. 22). A partir da descrição desse episódio, é nítido durante a narrativa a questão de Eva nunca ter desejado ser mãe. Expondo assim, que Kevin era um filho indesejado e que separava ela e o marido, sendo a principal causa das brigas dos dois.

Quando Eva e Franklin receberam a notícia da gravidez não estavam preparados para a vinda do filho ao mundo. É nítida a forma com que a trama se desenrola mostrando que desde a gravidez o menino não era desejado. Sua mãe não sentia alegria em sentir a mudança em seu corpo. O que para muitas mães é um desejo se tornar mãe ou passa a ser uma alegria quando descobrem que estão grávidas e sentem os sintomas da gravidez, para a mãe de Kevin era um pesadelo.

A Teoria do Amadurecimento Emocional criada por Winnicott apresenta a necessidade que a criança tem de, nos primeiros meses de vida receber o olhar materno. Durante as três fases – dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência – a mãe que facilitará o ambiente para que o bebê se desenvolva de forma saudável (DIAS, 2003). Assim, a mãe desenvolve as três funções – *holding*, *handling* e apresentação de objeto – interpretando as necessidades da criança e sanando-as. Essas funções maternas não são exercidas pela mãe de Kevin, pois ela não direcionava a ele um olhar de afeto. Nessa história, o menino não recebia o afeto de sua mãe. Kevin não foi um filho desejado pelo casal e sua mãe fazia questão de demonstrar que ele foi o causador do fim de sua tão sonhada carreira profissional. Diante desse comportamento materno, Kevin, na tentativa de atrair a atenção da mãe, passa a desenvolver comportamentos e atitudes dissociadas das interações sociais saudáveis.

Fica evidenciado, com isso, que a busca pelo olhar do outro expressa pelo menino era exclusivamente remetida à mãe. Quando está na escola, Kevin se envolve

em problemas para que a mãe dele seja chamada e repreendida na escola. Em um outro momento, Kevin grava um conteúdo num cd e deixa no seu próprio quarto, de modo que quando a sua mãe vê o cd e resolve colocar em seu próprio computador, em vez de se deparar com algum material inadequado para idade do filho, descobre que tinha sido enganada, pois ele gravara um vírus para destruir o seu computador. Kevin passou a desenvolver comportamentos psicopáticos cada vez mais agravantes, de modo que, para se tornar o centro das atenções de sua mãe, ele planeja estrategicamente e faz uma chacina em sua escola, matando 9 pessoas e posteriormente mata também seu pai e a irmã caçula. O enredo criado por Shriver (2011) ilustra um caso de Psicopatia que, segundo a teoria winnicottiana se desencadeia devido à falha do olhar materno, pois na história, a mãe de Kevin preferia ter sido bem sucedida pessoal e profissionalmente. Por não conseguir desenvolver afeto pelo filho, Eva não consegue se identificar com ele e nem suprir suas necessidades. De modo que toda a dinâmica familiar se tornou comprometida até desencadear em tragédia.

Ao nascer, uma criança traz modificações na dinâmica familiar e social. Tanto a família quanto a sociedade ao redor passam a ter novas responsabilidades diante do desafio de facilitar o desenvolvimento biopsicossocial desse ser humano que passa a integrá-las (DE FREITAS LOPES, 2012). Durante os primeiros anos de vida o ser humano necessita de cuidados de outras pessoas que lhe deem amparo tanto quanto à questão biológica, provendo o alimento, o conforto necessário, suprimindo as suas necessidades físicas, como também afetivas. O bebê humano é um ser que depende de outra pessoa para lhe prover proteção e afeto. Esses cuidados tanto físicos quanto psicológicos contribuirão para o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano (SPITZ, 1998). Esses cuidados serão dados à criança por meio de seus cuidadores, que poderão ser a mãe, o pai ou outros cuidadores secundários que disponibilizarão a atenção que contribuirá para a formação da personalidade da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia é uma das áreas da ciência que têm como um de seus principais objetivos estudar o desenvolvimento do indivíduo. Ao observar especialmente as teorias desenvolvidas dentro da área psicanalítica é possível encontrar estudos que contribuem para compreender não apenas o comportamento do indivíduo como também a gênese de alguns transtornos que se mostram bem distintos na contemporaneidade. Desde as primeiras experiências clínicas de Freud até os dias atuais, estudos são desenvolvidos com o propósito de compreender o desenvolvimento emocional do sujeito.

As primeiras contribuições a respeito da personalidade foram desenvolvidas por Freud; entre elas está a formação do aparelho psíquico, sendo integrado pelas instâncias – *id*, *ego* e *superego* e tendo como norteadores que os dois princípios que as regem, o Princípio do Prazer e da Realidade. Em meio a estas instâncias está implícita a importância que o meio externo exerce para o desenvolvimento do eu.

Ao observar os detalhes desenvolvidos na teoria do Amadurecimento Emocional, desenvolvida por Winnicott é notável o destaque que ele atribui à relação mãe-bebê e inclui a importância do papel paterno dentro dessa díade. A descrição das três fases de desenvolvimento – dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência – destacam as necessidades inatas da criança de receber cuidados, tanto no que diz respeito à sustentação, manejo e apresentação de objeto - que são as três principais funções maternas imprescindíveis à criança durante os seus primeiros anos de vida.

Ainda com o propósito de destacar a importância do cuidador na vida da criança, foi possível evidenciar o ponto de vista de Spitz quando ao desenvolvimento humano. Este teórico dá ênfase ao primeiro ano de vida da criança, apresentando a importância das relações objetais que se dão a partir de três estágios – o estágio não-objetal (quando o bebê ainda não desenvolve uma busca pelo rosto materno), o estágio precursor do objeto (momento ao qual o bebê consegue distinguir objetos e interagir com eles) e por último, o estágio do objeto real (período no qual o bebê diferencia pessoas que são de seu convívio, de estranhos).

Esses três teóricos clássicos da Psicanálise foram apresentados com o propósito de elucidar dois fatores principais no desenvolvimento da personalidade da criança.

Fazendo um paralelo entre as teorias de Freud, Winnicott e Spitz, são destacadas as necessidades que a criança tem de receber cuidados que supram as suas necessidades físicas e emocionais. Outro fator que é comum nessas teorias de cunho psicanalítico é o papel do cuidador – mãe, pai ou pessoas próximas – como sendo o responsável por prover afeto à criança, suprimindo suas necessidades físicas e emocionais.

O cuidador (a pessoa adulta) que direciona afeto à criança é chamado dentro da teoria de Jacques Lacan, de Outro. Este não é uma pessoa qualquer para a criança, mas sim a pessoa para a qual a criança primeiro busca um olhar de aceitação e a partir desse olhar o seu eu seja constituído. Essa teoria é chamada de Estádio do Espelho e é uma fase da vida da criança que acontece entre os seis e dezoito meses de idade. Nesta teoria, o espelho pode ser compreendido tanto no sentido literal quanto no sentido metafórico. Três momentos específicos são evidenciados na fase do espelho. O primeiro momento é quando a criança olha no espelho, mas a imagem que ela tem de si mesma não lhe é apresentada como algo especial. Sua imagem nesse primeiro instante é apenas mais uma imagem dentre as outras que o espelho reflete; o segundo momento é marcado com um fenômeno de integração do corpo, ou seja, a criança olha para o espelho e consegue ver a imagem dela como sendo uma outra pessoa, de modo que ela interage com a sua própria imagem. Essa imagem que a criança vê dentro do espelho é como se fosse um outro coleguinha, um ser diferente de si mesma; o último momento primordial na fase do espelho é a fase na qual a criança olha para o espelho e se reconhecesse nele.

Em meio à incessante busca por compreender o indivíduo como um ser que age e reage afetivamente, o desenvolvimento da personalidade é uma temática que está no cerne das teorias e práticas da Psicologia. Ao se falar sobre a formação da personalidade, é preciso levar em consideração os primeiros anos de vida. Desde o nascimento, a criança precisa receber cuidados físicos e psicológicos que contribuam para o seu desenvolvimento biopsicossocial. Assim, um fator determinante que é encontrado dentro das teorias psicanalíticas é a importância do olhar, ou seja, dos cuidados que a criança recebe durante seu desenvolvimento. De modo que o cuidador é uma figura que tem um papel relevante na vida da criança.

Os cuidados destinados a criança têm fundamental importância na constituição de sua personalidade, pois é por meio do Outro que ela passará a se reconhecer,

criando assim o seu *self*. As relações estabelecidas nos primeiros anos de vida da criança contribuem para a formação de sua identidade.

A criança pode receber as emoções que são transmitidas a ela ainda durante o período em que está sendo gerada. A díade mãe-bebê pode ser desenvolvida desde a gravidez. Todas as relações que a criança receber durante a formação de sua personalidade poderão reverberar por toda a sua vida.

A partir das teorias apresentadas é possível afirmar que, a falta do olhar do Outro primordial, pode desencadear prejuízos no desenvolvimento emocional da criança, podendo, conseqüentemente, resultar em transtornos como os que foram mencionados – Transtorno de Personalidade Borderline, Transtorno de Ansiedade e Transtorno Antissocial.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa foi possível observar dentro das teorias psicanalíticas que não há uma conduta perfeita de maternagem e paternagem para que uma criança se sinta aceita, amada e protegida. O que se percebe é que cabe ao Outro identificar quais são as necessidades afetivas da criança a fim de saná-las. Assim, não há como estabelecer um padrão para o olhar do Outro, porém refletir sobre as necessidades da criança é uma forma de direcionar esse olhar para que ela se sinta aceita, acolhida e que seja capaz de encontrar no olhar do Outro a sua própria imagem.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lucia de Toledo Moraes. Deficiências: Um novo olhar. Contribuições a partir da psicanálise winnicottiana. **Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 8, n. 15, p. 94-111, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/117923>>. Acesso em: 22 março 2018.

Associação Psiquiátrica Americana. **Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais DSM-5**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2014.

BARROSO, Adriane de Freitas. Sobre a concepção de sujeito em Freud e Lacan. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 36, p. 149-159, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0104-65782012000100009&script=sci_abstract&lng=en>. Acesso em: 10 abril 2018.

BENELLI, Sílvio José; SAGAWA, Roberto Vutaka. Observação da relação mãe-bebê pertencentes à classe trabalhadora durante o primeiro ano de vida. **Estudos de Psicologia**. Campinas, p. 22-32, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114214/S0103-166X2000000300003.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 setembro 2018.

BERGERET, Jean. **A Personalidade Normal e Patológica**. 3. ed. Lisboa: Climepsi, 2000.

BOSCO, Francisco. Violência e sociedade do espetáculo *in*: Mutações: NOVAES, Aduino (Org.). **Fontes passionais da violência**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2015, p. 35-58.

BROUSSE, Marie-Hélène. Corpos lacanianos: Novidades contemporâneas sobre o estádio do espelho. **Opção laciana online**. [S.L.], v. 5, n. 15, p. 1-17, 2014. Disponível em: <http://www.opcaolaciana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_lacanianos.pdf>. Acesso em: 20 fevereiro 2018.

BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

CÂMARA, Gabriel Ferreira. A formação do eu e o poder da psicanálise. **Cógito**. Salvador, v. 11, p. 20-25, 2010. Disponível em: <<http://www.circulopsibahia.org.br/n11a04.pdf>>. Acesso em: 03 junho 2018.

CELERI, E. H. R. V. A mãe devotada e seu bebê. **Memória da Psicanálise (Mente e Cérebro)**. São Paulo: Duetto Editorial, n. 05, p. 28-37, 2009. (Dissertação). Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/311657/1/Celeri_EloisaHelenaRubelloValler_M.pdf>. Acesso em: 03 maio 2018.

CHAVES, Wilson Camilo. A noção lacaniana da subversão do sujeito. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, v. 22, n. 4, p. 68-73, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000400008&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 03 junho 2018.

CLAVURIER, Vincent. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 39, p. 125-136, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372013000100015&script=sci_abstract&tlng=en>. Acesso em: 27 julho 2018.

D'ANDREA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da Personalidade: enfoque psicodinâmico**. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DE CASTRO STERNICK, Mara Viana. A imagem do corpo em Lacan. **Reverso**. Belo Horizonte, v. 32, n. 59, p. 31-37, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100004>. Acesso em: 22 agosto 2018.

DE FREITAS LOPES, Maria Madalena. Psicanálise e Representação: a teoria de René Spitz e a organização psíquica. **Brazilian Journal of Health**. São Paulo, v. 1, n. 3, 2012. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/bjh/index.php/bjh/article/viewFile/51/69>>. Acesso em: 03 junho 2018.

DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. **Natureza humana**. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v2n1/v2n1a01.pdf>>. Acesso em: 10 agosto 2018.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DINIZ, Giselle César Vieira. As metamorfoses do espelho do rosto materno na constituição do self da criança. **Revista Subjetividades**. Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 125-142, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1543>>. Acesso em: 13 maio 2018.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EMANUEL, Ricky. **Conceitos de Psicanálise: Angústia**. v. 10. São Paulo: Segmento-Duetto, 2005.

FABRINO, Verônica Noel. **Afetividade e base familiar: norteadores da formação da personalidade**. 2012. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade Norte Capixaba de São Mateus.

FANK, João Fernando et al. Da loucura ao crime-uma análise crítica dos tratamentos penais e psicológicos para criminosos sociopatas. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**. Rio Grande do Sul, v. 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/6808/4124>>. Acesso em: 23 maio 2018.

FERNANDES MENDES, Deise Maria L.; FONTES PESSÔA, Luciana. Comunicação afetiva nos cuidados parentais. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n1/v18n1a02>>. Acesso em: 24 maio 2018.

FERREIRA, Marcela Casacio; ATIELLO-VAISBERG, Tania M J. O pai suficientemente bom: algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. **Mudanças-Psicologia da Saúde**. Campinas, v. 14, n. 2, p. 136-142, 2006. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/644/644>>. Acesso em: 20 setembro 2018.

FRAYZE-PEREIRA, João A. A questão da alteridade. **Psicologia USP**. São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 11-17, 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100002>. Acesso em: 25 julho 2018.

FREUD, S. Além do princípio do prazer [1920]. *In*: FREUD, S. **Além do princípio do prazer**, psicologia de grupo e outros trabalhos. (1920-1922). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FONTES, Flávio Fernandes. O conflito psíquico na teoria de Freud. **Psychê**. São Paulo, v. 12, n. 23, p. 0-0, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200011>. Acesso em: 21 setembro 2018.

FORLENZA NETO, Orestes. As principais contribuições de Winnicott à prática clínica. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 42, n. 1, p. 82-88, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2008000100009&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 24 maio 2018.

GODINHO, Marta Queiroz; MARQUES, Maria Emília; PINHEIRO, Catarina Bray. A expressão no Rorschach dos fenômenos transitivos e do espaço potencial na personalidade borderline. **Análise Psicológica**. Lisboa, v. 27, n. 3, p. 349-363, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312009000300011&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 22 março 2018.

HALL, Calvin S; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

IMANISHI, Helena Amstalden. A metáfora na teoria lacanianiana: o estádio do espelho. **Boletim de Psicologia**. São Paulo, v. 58, n. 129, p. 133-145, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a02.pdf>>. Acesso em: 10 abril 2018.

KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Natureza humana**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 33-54, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200002>. Acesso em: 22 setembro 2018.

LACAN, Jacques. (1998 [1949]) "O estúdio do espelho como formador da função do Eu". In *Escritos*. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Editor**, p. 97-103.

LACAN, Jacques. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In J. Lacan, **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.29-90, 2003.

MEDEIROS, Ana Paula; GOMES, Fernanda Kimie Tavares Mishima; BARBIERI, Valéria. Os vínculos familiares em uma criança com pré-estrutura de personalidade psicótica. **Revista da SPAGESP**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 34-43, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5493564>>. Acesso em: 10 julho 2018.

NUNES, Laura M. Crime-psicopatia, sociopatia e personalidade anti-social. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2009, p. 152-161. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1324/1/152-161_FCHS06-5.pdf>. Acesso em: 12 outubro 2018.

Organização Mundial de Saúde. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre: Artmed, 1993.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed. v. 8, 2006.

PICCININI, Cesar Augusto et al. Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. **Estudos de psicologia**. Campinas, v. 26, n. 3, p. 373-382, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n3/v26n3a10>>. Acesso em: 12 agosto 2018.

PIVA, Edgar Antonio. A questão do sujeito em Paul Ricoeur. **Síntese: Revista de Filosofia**. Belo Horizonte, v. 26, n. 85, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.faje.edu.br/index.php/Sintese/article/view/683/1108>>. Acesso em: 19 agosto 2018.

PONTALIS, Jean-Baptiste; LAPLANCHE, J. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: **Martins Fontes**, 2001. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/40717600/Laplanche_e_Pontalis_-_Vocabulario_de_Psicanalise.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1540271681&Signature=7DbfS%2F82PiXUrGfdxEVsxdDLgB4%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DLaplanche_e_Pontalis_Vocabulario_de_Psic.pdf>. Acesso em: 23 setembro 2018.

QUEIROZ, Edilene Freire. O olhar do outro primordial. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 9, n. 4, p. 598-610, 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142006000400598&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 25 abril 2018.

QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. [S.l]: Zahar, 2012.

ROCHA, Erica Colares, 2011. O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E O ESPELHO: A INTERDEPENDÊNCIA CONSCIÊNCIA-INCONSCIENTE. A BUSCA INCESSANTE DA VERDADEIRA NATUREZA HUMANA. [S.L.;s.n]. Disponível em: <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Erica%20Colares%20O%20PROCESSO.pdf>>. Acesso em: 03 junho 2018.

ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Natureza humana**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 55-96, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v11n2/v11n2a03.pdf>>. Acesso em: 12 agosto 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SADI, Herika de Mesquita. **Análise dos comportamentos de terapeuta e cliente em um caso de transtorno de personalidade borderline**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Revista do departamento de psicologia–UFF**. São Carlos, v. 17, n. 1, p. 113-127, 2005. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/37163352/Estagio_do_espelho_o__Fractal.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1528013646&Signature=IUNDE%2FZOpE51JpWbNOtuKLIZCtE%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DPosicao_do_estagio_do_espelho_na_teorica.pdf>. Acesso em: 03 junho 2018.

SANTOS, Gabriele Pacheco. **Expressões da psicopatia na literatura e no cinema**. 2016. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - FAEMA, Ariquemes.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da Personalidade**. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

SEI, Maíra Bonafé; SOUZA, Carolina Grespan Pereira; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: Orientação de pais na psicoterapia infantil. **Vínculo**. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 194-207, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-24902008000200009&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 23 abril 2018.

SHRIVER, Lionel. **Precisamos falar sobre o Kevin**. Editora Intrínseca, 2011.

SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida**: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SPITZ, René A. **O não e o sim: a gênese da comunicação humana**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SUECKER, Betina Heike Krause. Sociopatia: Transtorno e Delinquência. **Direito & Justiça**. Porto Alegre, v. 31, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/article/viewFile/569/399>>. Acesso em: 20 junho 2018.

TELLES, Josiane Cristina Coradi Prado; SEI, Maíra Bonafé; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Comunicação silenciosa mãe-bebê na visão winnicottiana: reflexões teórico-clínicas. **Aletheia**. Canoas, n. 33, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3494/2603>>. Acesso em: 20 abril 2018.

VALDIVIA, Sonsoles; SORIANO, María Carmen Luciano; BECERRA, Inmaculada Gómez. Consideraciones sobre el desarrollo de la personalidad desde un marco funcional-contextual. **International Journal of Psychology and Psychological Therapy**. Argentina, v. 2, n. 2, p. 173-197, 2002. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=409675>>. Acesso em: 23 maio 2018.

VELOSO, Helena. Psicose e discurso no contexto da teoria lacaniana. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3765/376534580005/>>. Acesso em: 28 abril 2018.

WINNICOTT, D., W. Objetos y fenómenos transicionales: Un estudio sobre la primera posesión no Yo. **Revista de psicoanálisis**, v. 24, n. 4, p. 817-837, 1967. Disponível em: <<https://www.pep-web.org/document.php?id=revapa.024.0817a>>. Acesso em: 24 maio 2018.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e Delinquência**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica, clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZIMERMAN, David E. **Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.